

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
BACHARELADO EM MÚSICA POPULAR



Trabalho de Conclusão de Curso

DIVERSIDADE NO CHORO:

gênero, sexualidade e raça na música instrumental
brasileira

Gustavo Fleury Fina Mustafé

Pelotas
2022

Gustavo Fleury Fina Mustafé

DIVERSIDADE NO CHORO:

gênero, sexualidade e raça na música instrumental
brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Artes da Universidade Federal de
Pelotas como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Música Popular.

Orientador: Rafael da Silva Noletto

Pelotas
2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M991d Mustafé, Gustavo Fleury Fina

Diversidade no choro : gênero, sexualidade e raça na música instrumental brasileira / Gustavo Fleury Fina Mustafé ; Rafael da Silva Noletto, orientador. — Pelotas, 2022.

92 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música - Música Popular) — Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Música instrumental brasileira. 2. Choro. 3. Gênero. 4. Sexualidade. 5. Raça. I. Noletto, Rafael da Silva, orient. II. Título.

CDD : 781.63

Elaborada por Michele Lavadouro da Silva CRB: 10/2502

Gustavo Fleury Fina Mustafé

DIVERSIDADE NO CHORO: gênero, sexualidade e raça na música instrumental
brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Música Popular, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 24 de Junho de 2022

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rafael da Silva Noleto. Doutor em Ciência Social pela USP (Orientador)

Prof. Dra. Luciana Rosa, Doutora em Educação Musical pela USP

Prof. Dr. Rafael Velloso, Doutor em Música pela UFRGS

Agradecimentos

À minha família, que sempre, apesar das dificuldades, me incentivou a estudar e seguir um caminho pela educação e pela arte. Em especial, minha irmã, Camila, meu pai, Hamilton, e minha mãe, Elizabeth.

À todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória aqui na UFPEL, desde minha entrada, em 2017, até hoje. Primeiramente a dois amigos que me trouxeram pra cá, Caique Chagas e Willian Sanches. E aos que fui conhecendo por aqui e que me abriram portas nesse mundo de reproduzirmos e produzirmos música, arte, afeto e cultura: Everton Terciate, Victor Mora, Ítalo Marques, Lorena Fontes, Gabryel Pioner, Bernard Rehermann, Chris Lemos, Myro Rizoma, Esmute Farias, Davi Batuka, Júlia Alves, Vasco Jean, Dani Ortiz, Fabrício (pardal), Andrea, Rui Madruga, Julinho do Cavaco, Raúl d'Avilla, entre tantos outros.

À amiga Laís Maciel, que me emprestou dois livros que foram essenciais na construção deste trabalho: “Gênero - uma perspectiva global” e “Quem tem medo do feminismo negro?”. Obrigado!

As minhas parcerias de vida e de projetos artísticos e culturais. Em especial ao Chorei Sem Querer, Semilla Wind, Coletivo Horta, Clube do Choro de Pelotas e A Toca do Suco. Chris Lemos, Sérgio Madeira, Júlia Alves, Vasco Jean, Dani Ortiz, Esmute Farias, Myro Rizoma, Bruno de César, Taís Lemos, Davi Batuka e Fernando (alemão).

Aos meus professores guias durante o curso, em especial ao amigo Rafael Velloso.

Ao meu amigo, parceiro e namorado, Anderson Ribeiro, por todo carinho, compreensão, afeto, amor e incentivo.

Às pessoas colaboradoras diretas desta pesquisa, que toparam participar das entrevistas realizadas: Paola Picherzky, Natália Livramento, Rosana Bergamasco, Ana Cláudia César e Caetano Brasil. Sem vocês, nada disso seria feito.

Ao meu amigo e orientador neste trabalho, Rafael Noletto, pelo foco, profissionalismo e maestria em desenvolvermos esta pesquisa com muita seriedade.

Às políticas públicas que me permitiram e possibilitaram permanecer estudando e que são necessárias e urgentes para que este ambiente não seja excludente e pra poucas(os). A universidade pública tem que ser pra todas(os).

Agradeço!

RESUMO

MUSTAFÉ, Gustavo Fleury Fina. **Diversidade no Choro: gênero, sexualidade e raça na música instrumental brasileira.** Orientador: Rafael da Silva Noletto. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música Popular) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Este trabalho surge da necessidade de entender como as estruturas machistas, cisgêneras e racistas operam no universo do Choro, como recorte para pensarmos a música instrumental brasileira, invisibilizando corpos que não “homens, brancos e cisgêneros”, como mulheres, pessoas pretas e também pessoas LGBTQIA+. A partir de contextualização histórica e teórica do gênero musical “Choro” e do conceito de “gênero” dentro do campo de “gênero e sexualidade”, no primeiro capítulo, a discussão se desenvolve, interligando estas temáticas, que conclui-se, ainda pouco presentes nos campos de estudo de Música. Após este desenvolvimento reflexivo, é feita uma análise iconográfica de três álbuns protagonizados por mulheres e pessoas LGBTQIA+, do grupo Choronas, Choro das 3 e Caetano Brasil. E no terceiro capítulo, são realizadas reflexões a partir de cinco entrevistas com personalidades do Choro brasileiro: Ana Cláudia César, Paola Picherzky, Rosana Bergamasco, Natália Livramento e Caetano Brasil. Sendo, estas últimas duas entrevistas, também disponibilizadas em formato de *podcast*.

Palavras-chave: Música Instrumental Brasileira. Choro. Gênero. Sexualidade. Raça.

ABSTRACT

MUSTAFÉ, Gustavo Fleury Fina. **Diversity in Choro:** gender, sexuality and racial relations in Brazilian instrumental music. Advisor: Rafael da Silva Noletto. 2022. Completion of course work (Bachelor in Popular Music) – Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This work arises from the need to understand how sexist, cisgender and racist structures operate in the universe of Choro, as a cutout to think about Brazilian instrumental music, making invisible bodies that are not “men, whites and cisgenders”, such as women, black people and also people LGBTQIA+. From the historical and theoretical contextualization of the musical genre “Choro” and the concept of “gender” within the field of “gender and sexuality”, in the first chapter, the discussion develops, interconnecting these themes, which is concluded, still little present in the literature fields of study of Music. After this reflective development, an iconographic analysis is made of three albums starring women and LGBTQIA+ people, from the group Choronas, Choro das 3 and Caetano Brasil. And in the third chapter, reflections are made from five interviews with personalities of Brazilian Choro: Ana Cláudia César, Paola Picherzky, Rosana Bergamasco, Natália Livramento and Caetano Brasil. These last two interviews are also available in *podcast* format.

Keywords: Brazilian Instrumental Music. Choro. Gender. Sexuality. Racial Relations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa do álbum “atraente” do grupo Choronas, de 2000.....	39
Figura 2	Seleção de capas de álbuns de 1966 à 2018.....	41
Figura 3	Capas dos outros 4 álbuns das Choronas, de 2003 à 2020.....	44
Figura 4	Capa do primeiro álbum do Choro das 3, de 2008.....	45
Figura 5	Capas dos álbuns do Choro das 3, de 2012 à 2015.....	48
Figura 6	Capas dos álbuns do Choro das 3, de 2016 à 2019.....	49
Figura 7	Capa do terceiro álbum de Caetano Brasil, Pixiverso, de 2022	50
Figura 8	Capas dos primeiros álbuns de Caetano Brasil, de 2015 e 2019.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “gênero” e “música”.....	74
Tabela 1.1	Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “gênero” e “música” (continuação).....	74
Tabela 1.2	Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “gênero” e “música” (continuação).....	75
Tabela 1.3	Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “gênero” e “música” (continuação).....	75
Tabela 2	Tabelas de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “lgbt” e “música”; “homem gay” e “música”; e “gay” e “música”.....	76
Tabela 3	Tabelas de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “homossexualidade” e “música”; “transexualidade” e “música”; e “lésbica” e “música”.....	76
Tabela 4	Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores “sexualidade” e “música”.....	77
Tabela 5	Tabelas de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “sexualidade” e “música”; e “mulher” e “música”.	77
Tabela 5.1	Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores “mulher” e “música” (continuação).....	78
Tabela 5.2	Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores “mulher” e “música” (continuação).....	78

Tabela 6	Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores “raça” e “música”	79
Tabela 7	Tabela com artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor “mulher”	80
Tabela 7.1	Tabela com artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor “mulher” (continuação).....	80
Tabela 7.2	Tabela com artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor “mulher” (continuação).....	81
Tabela 8	Tabela com artigo da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor “sexualidade”	81
Tabela 9	Tabela sem artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”	81
Tabela 10	Tabela com artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor “raça”	82
Tabela 11	Tabela sem artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor “gênero”	82
Tabela 12	Tabela com artigo da Revista Per Musi, da UFMG, com o descritor “mulher”	83
Tabela 13	Tabela com artigo da Revista Per Musi, da UFMG, com o descritor “sexualidade”	83
Tabela 14	Tabela sem artigos da Revista Per Musi, da UFMG, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”	83
Tabela 15	Tabela com artigo da Revista Per Musi, da UFMG, com o descritor “raça”	83

Tabela 16	Tabela com artigos da Revista Per Musi, da UFMG, com o descritor “gênero”	84
Tabela 17	Tabela com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com o descritor “mulher”	84
Tabela 18	Tabela com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com o descritor “sexualidade”	85
Tabela 19	Tabela sem artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”	85
Tabela 20	Tabela com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com o descritor “raça”	85
Tabela 21	Tabela com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com o descritor “gênero”	86
Tabela 22	Tabela com artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com o descritor “mulher”	86
Tabela 23	Tabela sem artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com o descritor “sexualidade”	86
Tabela 24	Tabela sem artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”	87
Tabela 25	Tabela sem artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com o descritor “raça”	87
Tabela 26	Tabela com artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com o descritor “gênero”	87
Tabela 27	Tabela com artigos da Revista CLAVES, da UFPB, com o descritor “mulher”	88

Tabela 28	Tabela sem artigos da Revista CLAVES, da UFPB, com o descritor “sexualidade”	88
Tabela 29	Tabela sem artigos da Revista CLAVES, da UFPB, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”	89
Tabela 30	Tabela com artigo da Revista CLAVES, da UFPB, com o descritor “raça”	89
Tabela 31	Tabela com artigos da Revista CLAVES, da UFPB, com o descritor “gênero”	89
Tabela 32	Tabela sem artigos da Revista da ABEM com o descritor “mulher”	90
Tabela 33	Tabela com artigos da Revista da ABEM com o descritor “sexualidade”	90
Tabela 34	Tabela com artigos da Revista da ABEM com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”	90
Tabela 35	Tabela sem artigos da Revista da ABEM com o descritor “raça”	91
Tabela 36	Tabela com artigos da Revista da ABEM com o descritor “gênero”	91
Tabela 37	Tabela com artigos da Revista Estudos Feministas, da UFSC, com os descritores “música”, “música instrumental” e “choro”....	92
Tabela 38	Tabela sem artigos da Revista PAGU, da Unicamp, com os descritores “música”, “música instrumental” e “choro”	92

Tabela 39	Tabela com artigos da Revista Periódicus, da UFBA, com os descritores “música”, “música instrumental” e “choro”.....	92
-----------	--	----

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - O UNIVERSO MUSICAL DO CHORO A PARTIR DE PERSPECTIVAS DO CAMPO DE GÊNERO E SEXUALIDADE	19
LEVANTAMENTO DE DADOS NO CAMPO DE MÚSICA, RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE	27
ENCONTRANDO OUTRO SEMELHANTE NO AMBIENTE MUSICAL DO CHORO	29
CAPÍTULO 2 – ICONOGRAFIA MUSICAL: PERSPECTIVAS DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE	30
BREVE HISTÓRIA DAS GRAVADORAS E DOS DISCOS NO BRASIL E A PRESENÇA FEMININA	34
ANÁLISE DOS ÁLBUNS	37
Atraente – o primeiro álbum do grupo Choronas (2000)	37
Meu Brasil Brasileiro - o primeiro álbum do grupo Choro das 3 (2008)	45
Pixinverso - Infinito Pixinguinha - terceiro álbum de Caetano Brasil (2022)	49
CAPÍTULO 3 – ENTREVISTAS COM NATÁLIA LIVRAMENTO, ROSANA BERGAMASCO, PAOLA PICHERZKY, ANA CLÁUDIA CÉSAR E CAETANO BRASIL	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho de conclusão de curso em Música Popular é questionar as estruturas racistas, machistas e lgbtfóbicas a partir da reflexão, desdobramento de narrativas rígidas, buscando um olhar social mais atento a este campo artístico e científico do qual faço parte, a Música. E dentro deste amplo universo, busco me atentar para aquele tipo de música que não tem texto, a chamada Música Instrumental. E dentro deste campo, como recorte temático inicial, o Choro, um gênero musical que faz parte da chamada Música Instrumental Brasileira, com origem da metade para o final do século XIX, por volta de 1870 (VALENTE, 2014). Por que o Choro?

Bom, desde que iniciei minha trajetória na academia, a partir de meu ingresso no curso de Música Popular da UFPEL, no ano de 2017, busquei frequentar as atividades de extensão que aconteciam na universidade e pude então ter meu primeiro contato com este gênero musical e me apaixonei, a partir de encontros do Clube do Choro de Pelotas, grupo formado no ano de 2014, e que ensaiava todas as segundas-feiras no Conservatório de Música de Pelotas. Estes encontros faziam parte de um projeto de extensão chamado “Encontros de Música Popular”, parte do projeto unificado Núcleo de Música Popular - NUMP¹.

No entanto, à medida que fui pesquisando, mergulhando cada vez mais neste universo, aprendendo, reproduzindo temas clássicos que são tocados em uma Roda de Choro², produzindo/compondo novos choros, a partir da minha constante experiência e vivências nestes espaços e com musicistas de longa trajetória, fui enxergando e me inquietando com algumas questões. Talvez por ser um corpo diferente, como homem gay, tenha começado a me saltar tais questionamentos como por exemplo: Por que não há mulheres neste espaço? Por que não há pessoas LGBTQIA+³ neste espaço? Por que não há pessoas pretas neste espaço?

¹ O projeto de extensão “Encontros de Música Popular” teve, em seu início, o objetivo de promover encontros semanais com o Clube do Choro de Pelotas, para estudo deste gênero musical envolvendo discentes e docentes dos bacharelados em Música da UFPEL, e toda a comunidade interessada do município de Pelotas/RS, Brasil. (VELLOSO; MAIA, 2020)

² Para Renan Moretti Bertho, a partir de diálogos com epistemologias de vários autores, como Henrique Cazes e Pedro Aragão, a Roda de Choro é uma manifestação que surgiu paralelamente ao momento em que as pesquisas apontam ter surgido o Choro, em 1870. A Roda se configura por ser conduzida por um grupo base, dividido em funções principais harmônicas, melódicas e rítmicas, onde se toca o repertório comum a todas as pessoas presentes. (BERTHO, 2019). Importante também destacar que esta manifestação nasce em um período de início de urbanização no Brasil com o conseqüente “fim” da escravidão, queda do Império e nascimento de um novo regime político, a República. Portanto, é nesse momento de intensas transformações, em um país em transição que emerge esta prática musical. (FREIRE, 1967)

³ Segundo Manual de Comunicação LGBTI+ de 2018, realizado pela rede GayLatino e Aliança Nacional LGBTI, em Junho de 2008, ocorre a 1ª Conferência Nacional GLBT em Brasília, na qual decide se

Desde então, venho observando e percebendo como esses corpos, que não são ou homens, ou brancos, ou cisgêneros e/ ou heterossexuais, são excluídos, marginalizados e invisibilizados neste espaço de se fazer música e produzir arte. Nas rodas de Choro da cidade que resido atualmente, Pelotas/RS, sempre há uma predominância de homens, brancos, cisgêneros e heterossexuais, sendo que corpos como o meu, de pessoas gays, LGBTQIA+, ou de mulheres e pessoas pretas são sempre minorias. Durante a pesquisa, delimito três marcadores sociais da diferença⁴ para pensarmos este ambiente, que são: expressão e identidade de gênero, raça, e sexualidade.

Ao longo da pesquisa busco construir raciocínios e pensamentos a partir de conceituadas pesquisadoras da área, como por exemplo: Judith Butler, Simone de Beauvoir, Raewyn Connell, Rebeca Pearse, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Cida Bento, Cidinha Silva, Stephanie Ribeiro e Djamila Ribeiro. A partir destas autoras amadureci meu olhar e reflexões sobre o campo do Choro, percebendo de maneira interseccional, atentando para como as opressões sociais acontecem de maneira articulada, não sendo possível pensarmos raça sem pensar gênero, ou então pensar sexualidade sem pensar gênero e raça, e assim por diante. Portanto, ao pensarmos música, e um espaço de produção de arte, também estamos lidando diretamente com todos esses marcadores sociais que invisibilizam uns, enquanto visibilizam outros.

O intuito desta pesquisa é, que a partir de uma perspectiva social, possamos construir um espaço realmente para todos os corpos, para todas as pessoas. E, para isso, é necessário uma abordagem de uma perspectiva que articule adequadamente o campo musical e o social. Para materializar este objetivo, precisei me aprofundar em temáticas e conceitos que não tive tanto acesso, pois os cursos de Música no Brasil (em geral) ainda possuem uma matriz curricular que pouco aborda gênero, raça e sexualidade. Importante salientar que, após cursar a disciplina de “Música, Gênero, Raça e Sexualidade” com o prof. Rafael Noletto, que foi implantada recentemente na matriz curricular dos bacharelados em Música na

colocar o “L”, antes do “G”, como forma de visibilizar as mulheres do movimento, que vinham sendo invisibilizadas. Desde então, esta sigla vem se atualizando, à medida que o debate sobre gênero e sexualidade também avança. Nesta pesquisa optei por utilizar esta sigla “LGBTQIA+”, um pouco maior, para sublinhar estas outras identidades de gênero, além do “+”, que simboliza as tantas outras identidades existentes. (REIS, 2018).

⁴ Segundo a pesquisadora Lilia Schwarcz, o termo “marcadores sociais da diferença”, na bibliografia nacional, começou a ser utilizado na década de 1990, por autoras como Verena Stolcke, 1993 e Mariza Corrêa, 1996. Embora o debate já tivesse se iniciado, na década de 1980, por autoras norte-americanas do feminismo negro e feminismo lésbico, como Angela Davis, 1981 e bell hooks, 1981 (SCHWARCZ, 2019). Importante salientar que Lélia Gonzalez já escrevia em seus artigos, como “Racismo e Sexismo na cultura brasileira”, 1984, de forma a relacionar por exemplo, raça e gênero, o que mais tarde veio a ser chamado de “interseccionalidade” (OLIVEIRA, 2020).

UFPEL, pude expandir meu repertório de referências nestas temáticas, o que me ajudou muito na construção desta presente pesquisa.

Ao longo deste trabalho, divido a pesquisa em três etapas/capítulos. No primeiro capítulo “O universo musical do Choro a partir de perspectivas do campo de Gênero e Sexualidade”, realizei um levantamento de dados, pesquisando em revistas de Música sobre quantos e quais trabalhos/artigos existiam relacionados a temáticas de gênero, sexualidade e raça. Também pesquisei em revistas interdisciplinares de Gênero e Sexualidade sobre quantos e quais eram os artigos relacionados ao campo de música. Além disso, realizei uma pesquisa no banco de teses e dissertações da CAPES, procurando por trabalhos que relacionassem o campo da música com alguma das temáticas de gênero, raça e sexualidade. Também busquei contextualizar a história e trajetória do Choro, de seu surgimento até hoje, para compreendermos este ambiente, a partir de pesquisadoras/es e autoras/es deste campo, como: Paula Valente, Henrique Cazes, Ary Vasconcelos, Mário Sève, André Diniz, Diogo Cunha, Alexandre Gonçalves Pinto e Julie Koidin.

No segundo capítulo, “Iconografia Musical: perspectivas de gênero, raça e sexualidade”, faço uma análise iconográfica de três capas de álbuns de Choro, dois protagonizados por mulheres, o grupo Choronas e o Choro das 3, e um por um homem negro e gay, Caetano Brasil. Além de traçar um breve histórico da discografia brasileira e da indústria fonográfica brasileira.

No terceiro e último capítulo, realizei cinco entrevistas, com instrumentistas de Choro: Ana Cláudia César, Paola Picherzky, Rosana Bergamasco, Natália Livramento e Caetano Brasil, sendo que, estas duas últimas foram também disponibilizadas em formato de *podcast*, com link no corpo do texto, com o intuito de ampliarmos e tornarmos mais acessível este debate, de forma a atrair leitores/as deste TCC para a escuta das entrevistas, no sentido de possibilitar ouvir as próprias vozes das pessoas entrevistadas. Por outro lado, pretende-se também atrair ouvintes do *podcast* para a leitura do TCC. Os episódios com as entrevistas de Caetano Brasil⁵ e Natália Livramento (dividida em parte I⁶ e II⁷) estão disponíveis no DIVAMUS Podcast – Projeto de Extensão da UFPEL, coordenado pelo Prof. Dr. Rafael Noleto, orientador deste TCC.

Desejo uma ótima leitura a você e que sigamos em constante reflexão musical, com perspectivas mais sociais e engajadas, construindo e reconstruindo espaços de arte que tenham olhar atento e sensível a todas as pessoas.

⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/NTW01> Acesso em 15 jun 2022.

⁶ Disponível em: <https://encurtador.com.br/ruOQY> Acesso em 15 jun 2022.

⁷ Disponível em: <https://encurtador.com.br/eoLO7> Acesso em 15 jun 2022.

CAPÍTULO 1 - O UNIVERSO MUSICAL DO CHORO A PARTIR DE PERSPECTIVAS DO CAMPO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Início este primeiro capítulo, deste trabalho de conclusão de curso do bacharelado em Música Popular pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL com um comentário sobre quais foram as questões que me trouxeram até aqui, até este recorte temático no qual me debruçarei pelas próximas páginas. Para isso, sublinho dois assuntos importantes para compreender a pesquisa: minha identidade musical e minha identidade de gênero (aqui relacionada a área de conhecimento “gênero e sexualidade”).

A minha inserção na música instrumental acontece paralelamente às minhas reflexões iniciais sobre gênero e sexualidade, ambas a partir de 2017, quando me mudo de São Paulo-SP para Pelotas-RS para cursar Música Popular, e vejo nesta mudança territorial uma oportunidade para me permitir transformar e vivenciar com mais sinceridade meus sentimentos e desejos, experiência essa que ainda não tinha passado por variados motivos que giram em torno de uma estrutura social machista, racista, misógina e lgbtfóbica que é a sociedade brasileira, como família tradicional, religião cristã e poucas referências LGBTQIA+ ao redor, por exemplo. Assim, com novos laços, novas amizades, longe dos motivos paralisantes que não me permitiam ser quem eu sou, fui aos poucos me conhecendo mais, me aceitando, compreendendo melhor minha identidade de gênero e minha sexualidade⁸, ganhando confiança e, com o tempo, conseqüente notoriedade pelos meus trabalhos com música e produção cultural na cidade.

A cada dia, mergulhando e absorvendo por epistemologias latino-americanas, negras, femininas e LGBTQIA+, me percebo uma nova pessoa, em constante construção, re-fazendo novos possíveis eus. Como diria Linn da Quebrada: “uma obra inacabada”⁹. A partir da leitura do livro “Gênero: Uma perspectiva Global / Compreendendo o gênero - da esfera pessoal à política - no mundo contemporâneo (2015)”, das autoras e pesquisadoras australianas Raewyn Connell e Rebecca Pearse, que inclusive é uma das referências teóricas desta pesquisa, e por meio de reflexões que surgem da leitura vou encontrando embasamento, conhecendo novos pensamentos e caminhos teóricos para me servirem de ferramentas libertadoras e políticas, me auxiliando no presente trabalho. Neste livro de Connell e Pearse, 2015,

⁸ Hoje me reconheço e interpreto como um homem, cis, branco e gay.

⁹ Frase retirada de entrevista de Linn da Quebrada e Jup do Bairro, com Judith Butler. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DMge3Uc9sUs&t=613s>. Acesso em: 02 jun. 2022.

que é fruto de muitos anos de pesquisa, as sociólogas propõem uma definição do termo “gênero”, após reflexões e diálogo com outras/os autoras/es de referência no assunto, como Judith Butler e Simone de Beauvoir, na qual trago aqui para que possamos dar prosseguimento e aprofundamento na pesquisa.

Para Connell e Pearse (2015, p. 48): “O gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais”. Aqui elas se referem ao termo “arena reprodutiva” como “[...] uma arena em que os corpos são trazidos para processos sociais, em que nossa conduta social faz alguma coisa sobre diferenças reprodutivas [...]” (CONNELL; PEARSE; 2015, p. 48), ou seja, gênero é então tido como algo além do biológico, um conceito que passa também por construções culturais e sociais de identidade, definição essa que levaremos como referência ao tratarmos da temática durante a pesquisa. Segundo teóricas do transfeminismo no Brasil:

“[...] o gênero, como já dissemos exaustivamente, não é “o corpo”. Ele é uma interpretação do corpo dada pela cultura que designa, por relações semióticas arbitrárias, o que é masculino e feminino. O gênero é pré-discursivo, está dado antes mesmo do nascimento, é pressuposto e é performático. Depois de nascer, é preciso aprender a ser do gênero que lhe deram: cruzar as pernas, falar grosso, não mexer tanto as mãos.” (VIEIRA; BAGAGLI, 2018).

Portanto, a partir dessas discussões de gênero e sexualidade, que vêm sendo debatidas e cada vez mais fomentadas por pensadoras/es, percebe-se ainda uma falta de diálogo, atualização e comum confusão dos conceitos *gênero* e *sexo* na sociedade contemporânea brasileira, estando ainda um pouco restrita, a discussão, ao ambiente acadêmico. Apesar de, com o advento e crescente avanço tecnológico, estas informações estarem cada vez mais sendo difundidas, por meio de divulgação científica, nas redes sociais, por exemplo. Segundo artigo publicado no ano de 2020 - Divulgação científica como forma de compartilhar conhecimento: “A potencial democratização do conhecimento técnico-científico proporcionada pelo universo digital representou um rompimento de barreiras e, atualmente, uma fonte de agilidade na transmissão de conteúdos da ciência.” (NAVAS, BERTI, TRINDADE, LUNARDELO, 2020, p.1).

Ainda hoje, é comum se ouvir em um consultório, durante os primeiros meses de gravidez, as/os médicas/os limitando e definindo o gênero de uma criança, ao já se referir a ela como menino ou menina, apenas pelo fator biológico, a natureza, a

genitália, o sexo (ter vulva ou pênis). Nota-se que essa é uma definição ultrapassada e que não leva em consideração o fato de sermos seres sociais e culturais, que estamos inseridos em uma sociedade, portanto, somos transpassados naturalmente, e não há como dissociar, por um contexto, uma construção social e cultural. É o que Connell e Pearse (2015, p. 39) também refletem: “As pessoas constroem a si mesmas como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na ordem de gênero - ou respondemos ao lugar que nos é dado -, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana.”. Esta é uma das linhas de pensamento que me norteiam, inclusive na minha prática musical e na produção cultural, linha essa, do feminismo construtivista, que teve início lá em 1949, quando a filósofa feminista, pioneira, Simone de Beauvoir, publica seu livro mais famoso “O Segundo Sexo” e sintetiza esse pensamento em uma famosa frase: “Não se nasce mulher; torna-se”. (BEAUVOIR, 1949). E é com Judith Butler, na terceira onda do feminismo, que esses muros, entre social, cultural e biológico começam a cair, “[...] criando as bases para uma teoria transfeminista e para o rompimento completo dos ditames da biologia sobre o funcionamento social das relações no mundo.” (VIEIRA; BAGAGLI; 2018, p. 16).

Aqui e daqui, partimos adiante, tendo *gênero* então como um processo de socialização, sublinhando os fatores sociais e culturais como essenciais nessa construção dos papéis de gênero, não limitando-se ao fator biológico (sexo) como definidor de uma identidade de gênero.

Desta linha construtivista de raciocínio, que nos guia para pensarmos gênero e sexualidade na atualidade, proponho refletirmos sobre pensamentos resultantes, só que migrados para meu ambiente pessoal e também profissional, a música, mais especificamente, a música instrumental, área que mergulharemos nas páginas seguintes. Parafraseando Simone de Beauvoir: “Não se nasce homem”, torna-se”; “Não se nasce guitarrista, torna-se”; “Não se nasce pandeirista, torna-se”; “Não se nasce baterista, torna-se”; “Não se nasce tecladista, torna-se”; “Não se nasce violonista 7 cordas, torna-se”; “Não se nasce regente de orquestra, torna-se”, e por aí vai.¹⁰ A partir dessas proposições de frase, podemos refletir sobre os papéis de gênero que são impostos para todas/os nós ao nascermos. O que é de menina, o que é de menino. Como e do que as meninas brincam? Como e do que os meninos

¹⁰ Paráfrases essas, que também foram utilizadas para iniciar um artigo da pesquisadora e pianista Catarina Domenici, de 2013, chamado “A performance musical e o gênero feminino”, no qual discorre e reflete sobre como há uma condição de passividade e submissão prescritas ao gênero feminino no século XIX, em relação à obra (composição) dentro do universo de música erudita. A paráfrase utilizada por ela é: “Não se nasce um músico erudito, mas torna-se um” (DOMENICI, 2013).

brincam? Como as meninas sentam? Como os meninos sentam? Na música, mais um recorte da sociedade, não é diferente. O que mulheres tocam e o que homens tocam? Os instrumentos musicais também acabam carregando símbolos generificados¹¹, como, por exemplo, o piano que é um instrumento historicamente relacionado ao feminino, de pouca mobilidade e doméstico, como pontua a pesquisadora Jaci Toffano¹² (2007, p. 55-6):

No século XIX, havia, sem dúvida, um pré-entendimento devidamente convencionalizado, na consciência coletiva da sociedade patriarcal, quanto ao ato de tocar piano. Dedilhar o instrumento era um affair feminino ligado à delicadeza e também à conveniência de se associar o piano, como objeto doméstico, a uma atividade feminina formalmente requerida como parte da sua educação. Com base nesse pressuposto, a prática desse instrumento e sua propagação entre as mulheres das classes sociais mais abastadas passaram a ser, em grande parte, itens do código de conduta da época (AMATO, apud TOFFANO, 2008 p.170).

E o violão 7 cordas, por sua vez, é historicamente relacionado ao universo masculino, mas que vem felizmente sendo ocupado cada vez mais por mulheres, como por exemplo as violonistas Paola Picherzky do grupo Choronas, Lia Meyer do grupo Choro das 3, Natália Livramento, mestra em musicologia pela UDESC, Sara Renhé de Juiz de Fora-MG, Samara Líbano, coordenadora da Escola de Música AMC da Baixada Fluminense, Beatriz Schneider do grupo Brejeiras, Fernanda Vasconcelos, multiinstrumentista de Belo Horizonte/MG e Beatriz Nascimento, de Juiz de Fora/MG.

Estas questões são notadas ao observarmos os ambientes musicais e como os instrumentos são distribuídos em uma roda de choro. Dentro do universo do gênero musical Choro, percebe-se, por exemplo, majoritariamente a presença masculina - em rodas de choro e na discografia do gênero - nomes como Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo, K-Ximbinho e Joaquim Callado, costumam figurar entre as principais personalidades quando se pensa Choro, enquanto como mulher, a mais lembrada e tocada nas rodas de choro é geralmente uma só, Chiquinha Gonzaga - que de inúmeras composições, no máximo duas são geralmente lembradas: *Gaúcho (Corta-Jaca)* e *Atraente*. Além disso, comumente, instrumentos solistas, como por exemplo a flauta transversal, estão entre os mais tocados pelas mulheres que figuram neste espaço, enquanto os de

¹¹ Aqui utilizo “generificado” significando que os instrumentos passam por processos incluídos nas dinâmicas de gênero, ou seja, que culturalmente e socialmente acabamos relacionando um instrumento à uma identidade de gênero. (Butler, 2014).

¹² Jaci Toffano, além de pesquisadora, é pianista e professora, graduada em Música pela The Juilliard School of Music, com doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília.

acompanhamento, como cavaco, pandeiro e violão, seguem ainda muito relacionados ao universo masculino.

Como a multi-instrumentista Laídia da Silva Evangelista reflete em seu TCC de Música-Licenciatura na Universidade Federal do Ceará - UFC (2019, p. 32): “Eu, como mulher e instrumentista, posso afirmar que o espaço não é nem um pouco convidativo. Não pela música e a Roda em si, mas por comentários por parte dos próprios participantes que incomodam e constrangem.”. No último capítulo de seu trabalho ela reflete sobre a pouca presença feminina nas rodas de choro dentro da UFC, que de 36,9% de mulheres matriculadas no curso, que já é minoria, apenas duas frequentavam com certa frequência, uma tocando flauta transversal e outra bandolim - instrumentos tidos como mais “delicados”, relacionados ao universo feminino, e solistas. O que não difere muito da situação aqui em Pelotas-RS. Atualmente, no ano de 2022, no curso de bacharelado em Música Popular da UFPel, segundo o colegiado do curso¹³, de 73 pessoas matriculadas, apenas 16 são mulheres (21,9%), também minoria; e dentre essas 16, nenhuma frequenta as rodas de Choro da cidade. Nas últimas rodas de Choro, anteriores à pandemia de COVID-19¹⁴, que aconteciam no Mercado Público Central da cidade, tínhamos uma média de 20 instrumentistas, e desse total, apenas 3 mulheres, quando muito. Uma tocando flauta transversal e duas, pandeiro¹⁵. Mais recentemente, neste ano de 2022, no Dia Nacional do Choro, 23 de Abril, de uma roda com 16 pessoas, apenas 2 dessas eram mulheres. As duas tocando pandeiro.¹⁶

Contextualizando um pouco este gênero musical, consolidado tal como no século XX, o Choro¹⁷ nasceu na metade do século XIX, ainda tido como “estilo” e

¹³ Dado atualizado pelo colegiado do curso de Música Popular-UFPel em abril de 2022.

¹⁴ A pandemia do COVID-19 iniciou antes mesmo de 2020, mas chegou e parou o Brasil em março de 2020. Com uma péssima gestão federal do atual presidente Bolsonaro, eleito em 2018, que brincou e negligenciou com a gravidade da pandemia aqui no país, chegando assim, a mais de 660 mil mortes (fonte: CSSEGISandData/COVID-19). Segundo o pesquisador Rafael Noleto, o atual governo está ligado diretamente à negação da pandemia e à desvalorização da ciência. Também segundo o pesquisador, a classe artística foi uma das mais afetadas, principalmente os artistas independentes. (NOLETO, 2020).

¹⁵ Fato esse, de mulheres tocando percussão, provavelmente devido a atuação de um projeto chamado “Bateria Xica da Silva”, criado em 2018 pelo percussionista e professor Jucá de Leon, idealizado para ser uma bateria feminina, justamente criado para questionar esses papéis de gênero que são expandidos aos instrumentos e instrumentistas.

¹⁶ Segue link de vídeo da roda. Disponível em: <https://www.facebook.com/clubedochorodepelotas/videos/2763368060637127/>. Acesso em: 5 mai. 2022.

¹⁷ Algumas teorias sobre o surgimento da palavra “Choro” reunidas na tese de Doutorado da pesquisadora Paula Valente (2014): Segundo o pesquisador Tinhorão (1974, p.95), o termo pode ter surgido da forma melancólica com que a música européia era tocada e interpretada aqui no Brasil no final do século XIX ou então como referência a um tipo de baile que reunia os escravos das fazendas e que inicialmente era chamado de “xolo” e posteriormente de “xoro”. Outra possível definição é a de Ary Vasconcelos (1984, p.17). Segundo o musicólogo, Choro é uma possível abreviação de “choromeleiro” que era uma corporação de músicos de muita atuação do período colonial brasileiro. Uma última e

não “gênero musical”, segundo Diniz e Cunha (2014), a partir da interpretação por músicos brasileiros dos ritmos e danças européias, como a Polca e o Schottisch, trazidos pela corte portuguesa do Império. Como o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão (DINIZ; CUNHA, 2014, p. 10), nesse período histórico havia uma grande concentração da população africana por aqui¹⁸, além dos povos originários de múltiplas etnias, sendo assim, as músicas advindas da corte imperial, que estavam sendo tocadas por músicos brasileiros, eram naturalmente absorvidas, reinterpretadas, criadas e atualizadas também sob a ótica de gêneros musicais de matriz africana, como por exemplo o Lundu, o Maxixe, e a Modinha. Dessa releitura e diálogo cultural é que surge o Choro, como Henrique Cazes propõe em seu livro “Choro: do quintal ao Municipal” e é citado no artigo de Mário Sève “Choro: gênero ou estilo?” (2016 apud CAZES, 2010), o Choro é “a maneira exacerbadamente sentimental com que os músicos populares da época abasileiravam as danças europeias”. Afirmação esta, mais romântica, que questiono, pois não foi simplesmente um abasileiramento de músicas européias, mas uma possível troca e diálogo, nesse contexto histórico de efervescência cultural consequente da urbanização do país e também de passos na luta por direitos da população negra que até então estava em situação de escravidão e subalternidade nesta sociedade ainda distante de uma democracia plena. Recordo aqui, uma passagem em que a população negra era diretamente afetada e limitada em suas manifestações culturais, em Recife, no ano de 1831 por não poder fazer algo como festas que tivessem “vozerias e gritos pelas ruas”. (FREIRE, 1967, p. 78) Foi no século XX, a partir da consolidação dos regionais de Choro, com figuras como Pixinguinha e os 8 Batutas e Jacob do Bandolim e seu Regional Época de Ouro, que o estilo, a forma de tocar, passa a ser considerada também um gênero musical. Segundo a pesquisadora Paula Veneziano Valente, em sua tese de Doutorado (2014, p. 25):

“Em nossas pesquisas, vimos que o choro, quando do seu surgimento em meados de 1870, era considerado como um estilo musical, um jeito de tocar, até sua concretização como gênero no começo do século XX. Podemos dizer que foi, durante as primeiras décadas daquele século, que o choro se estabeleceu propriamente como gênero, delimitando suas características próprias de melodias, harmonias e ritmos, definindo os

possível história de surgimento é a do professor e crítico musical João Baptista Siqueira (1970) que relaciona à palavra "chorus", em latim, que significa coro ou conjunto vocal.

¹⁸ Segundo a professora e pesquisadora Lilia Schwarcz, em seu livro “Racismo no Brasil”, de 2001, o número de africanos importados pela Corte do Império no Brasil, da metade do século XVI até o ano de 1850 (data oficial da abolição do tráfico negreiro), é estimado 3,6 milhões de pessoas (SCHWARCZ, 2001, p.38).

típicos agrupamentos de instrumentos e suas respectivas funções.”
(VALENTE, 2014, p.25)

Um dos livros mais antigos e que é amplamente utilizado como referência dentre as pesquisas de Choro foi publicado no ano de 1936, chamado “O choro: reminiscências dos chorões antigos” (PINTO, 1936), por um carteiro e cavaquinista chamado Alexandre Gonçalves Pinto, mais conhecido como “Animal”, que mapeou e descreveu a atividade musical de cerca de 400 personalidades (VASCONCELOS, 1977) do ambiente do Choro do início do século XX no Rio de Janeiro. Em 2011, 75 anos depois, a flautista e professora norte-americana Julie Koidin, publica seu livro “Os Sorrisos do Choro” e nele faz uma atualização e entrevista 52 instrumentistas do início do século XXI de todo o Brasil. Uma das entrevistas é com a cavaquinista e pesquisadora Luciana Rabello¹⁹, uma das apenas 3 mulheres, dentre as 52 pessoas entrevistadas, o que já nos mostra a pouca presença feminina dentro da cultura deste gênero musical brasileiro, ainda hoje, fruto de processos de invisibilização. Lembrando que, no livro de “Animal”, apenas 4 mulheres são citadas, sendo destas apenas duas instrumentistas, Chiquinha Gonzaga e Lily S. Paulo, e as outras duas cantoras/intérpretes, Mariquinhas Duas Covas e Plácida dos Santos, dentre as aproximadamente 400 personalidades descritas no livro, predominantemente masculinas.

Na entrevista para Koidin, Luciana Rabello, ao ser questionada sobre a pouca presença feminina neste gênero musical, responde (2011, p. 213): “Fui a primeira mulher tocando em regional²⁰. Existiam outras mulheres anteriormente, mas geralmente tocavam piano, flauta, instrumentos de solo, e não instrumentos de acompanhamento. É muito diferente.”. Esta fala reforça a construção cultural e social desse espaço de fazer-se música instrumental brasileira como um ambiente majoritariamente masculino e excludente ao pensarmos sobre a perspectiva de gênero e sexualidade. Julie Koidin afirma que até o momento da entrevista só existiam homens tocando e Rabello responde (2011, p. 213): “Acompanhando? É, acho que sim. O número de mulheres acompanhantes aumentou. Solistas mulheres existem muitas. Mulheres acompanhantes acho que só três ou quatro”. Antes de alterarem o rumo da entrevista, Koidin pergunta qual o motivo de haver pouquíssimas mulheres tocando violão 7 cordas, se o tamanho da mão seria um

¹⁹ “Luciana Rabello é uma das poucas mulheres que conseguiu notoriedade no choro como musicista e compositora. Especializada em cavaquinho e violão, Luciana toca e grava com os maiores músicos de choro.” (KOIDIN, 2011)

²⁰ Regional é como se chamam, popularmente, as formações tradicionais de um grupo de Choro. Inicialmente formadas por violão, cavaco e flauta transversal, e mais tarde, tendo a inserção de outros instrumentos, como o pandeiro, por exemplo. (VIANA, 2011)

problema e Rabello responde (2011, p. 214): “Não. Acho que é falta de interesse mesmo. Eu adoro o instrumento, mas acho que é masculino, mais bruto. O pensamento feminino, o raciocínio feminino, não vai muito para o violão de 7 cordas. Nem para o contrabaixo.”.

É aqui que gostaria de chegar. Novamente percebe-se como o papel de gênero se desenvolve dentro desse espaço da música instrumental brasileira. A construção do feminino, do que é feminino, se apresenta como limitante para a prática de determinados instrumentos, no caso, o violão 7 cordas e contrabaixo, que seriam mais relacionados ao universo masculino. Importante contextualizar que, Luciana Rabello nasceu em 1961 e inicia sua carreira em 1976, década essa na qual o movimento feminista já pautava questões de “gênero, raça, classe e sexualidade” aqui no Brasil, liderado por pensadoras feministas, como Lélia González (SILVA, 2018), por exemplo, porém discussões essas que não se infiltravam neste campo específico da música, o Choro, um ambiente majoritariamente masculino. Na academia, no Brasil, as pesquisas no campo de “música e gênero” vêm se estruturando desde 1978 (ZERBINATTI; NOGUEIRA; PEDRO; 2018).

Todas essas questões foram surgindo da minha experiência no universo do Choro a partir da inserção em um projeto de extensão da UFPel, chamado Núcleo de Música Popular (NUMP), coordenado então pelo prof. Dr. Rafael Velloso²¹, no qual tive a oportunidade de conhecer e vivenciar as histórias e musicalidades afro-brasileiras que este gênero musical proporciona, junto do Clube do Choro de Pelotas - grupo formado em 2014 e atuante aqui no município e região - do qual hoje atuo como produtor cultural, fonográfico, músico e bolsista. O que vejo, desde minha entrada no projeto, é um grupo formado majoritariamente por homens, cis, brancos, heterossexuais, de classe média, de 30 à 70 anos. Fato este que me inquietava desde o início, mesmo ainda quando não tinha segurança em dizer que era um homem gay perante este grupo. Desta vivência, algumas questões me saltavam os olhos, como por exemplo: “Cadê as mulheres, pessoas LGBTQIA+, pessoas negras e jovens aqui no Choro? Por que elas não participam deste ambiente?”. O Choro nasce a partir de uma diversidade cultural, social, econômica e racial, e como, hoje, é reproduzido e multiplicado majoritariamente por homens

²¹ Rafael Velloso é saxofonista, arranjador, professor do curso de Música Popular (UFPel) e pesquisador. Tem graduação em licenciatura em Música (UFRJ) e bacharelado em Saxofone (Univ. Estácio de Sá); mestrado em Música (UFRJ) e doutorado em Música (UFRS). Atualmente Velloso compõe a equipe de pesquisa que está coordenando o processo de Instrução de Registro do Choro no IPHAN como Patrimônio Cultural do Brasil, junto a Associação Cultural de Amigos do Museu do Folclore Edson Carneiro.

brancos? Questões como essa foram surgindo e me inquietando mais e mais. Mas foi no ano de 2019, ano que cursei a disciplina “Música, Gênero, Raça e Sexualidade” na UFPel, ministrada pelo professor e orientador deste TCC, Rafael Noleto²², que comecei a me aprofundar, encontrar ferramentas e expandir meu repertório sobre essas temáticas, tomando então consciência das estruturas sócio-históricas opressoras de gênero, raça, classe e sexualidade que operam na nossa sociedade brasileira. Antes desta disciplina não havia pensado e discutido gênero e sexualidade em nenhuma outra oportunidade devido a grade do curso ser ainda, em sua maioria, eurocêntrica e machista, com poucas referências latino-americanas, negras, femininas e LGBTQIA+. Sim, mesmo sendo o país mais negro fora da África, com uma população majoritariamente negra e feminina²³. Fatos estes, que após uma breve pesquisa e levantamento de dados, comprova-se a falta de estudos interdisciplinares entre os campos da “música” e de “gênero, raça e sexualidade”.

LEVANTAMENTO DE DADOS NO CAMPO DE MÚSICA, RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE

Para esta pesquisa, realizei um levantamento de dados²⁴ com o intuito de trazer resultados quantitativos para a análise do tema, procurando e listando artigos, dissertações e teses, que abordassem música e gênero, música e sexualidade, e música e raça. Começando pelas revistas acadêmicas de música como Música Hodie (UFG), Per Musi (UFMG), Opus (ANPPOM), Orfeu (UDESC), Claves (UFPB) e Revista da Abem (Associação Brasileira de Educação Musical), optei, inicialmente, pela escolha de 3 descritores “gay”, “homem gay” e “lgbt”, separadamente, nenhum resultado foi encontrado. Logo depois procurei através de mais 7 palavras-chaves: “mulher”, “sexualidade”, “lésbica”, “transexualidade”, “homossexualidade”, “gênero” e “raça”, obtendo um pouco mais de resultados, mas mesmo assim poucos. A palavra “mulher” obteve 44 resultados. A palavra “raça”, 13 resultados. E quando utilizamos palavras mais relacionadas à sexualidade, como os primeiros descritores “gay”, “homem gay” e “lgbt”, os números começam a diminuir. Para “sexualidade”, 7

²² Rafael Noleto é professor do curso de Ciências Musicais (UFPel) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPel), cantor e compositor. Tem graduação em licenciatura plena em Música (UEPA), mestrado em Antropologia (UEPA) e doutorado em Ciência Social (USP). Desenvolve pesquisas nas áreas de Etno/Musicologia, Antropologia e Estudos de Gênero e Sexualidade.

²³ Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>. Acesso em: 07 jun. 2022

²⁴ Todos esses dados foram coletados e organizados nos meses de Março e Abril de 2022 e encontram-se disponíveis, organizados em tabelas, ao final deste trabalho.

resultados. Para “lésbica”, “transexualidade” e “homossexualidade” não foram encontrados nenhum resultado. Já para “gênero”, foram encontrados 206 resultados, porém, a maioria era relacionado a "gênero" dentro do universo musical, como “baião” e “rock”, por exemplo, e não a discussão relacionada ao campo de “gênero e sexualidade”, onde foram encontrados apenas 20 resultados. Informações essas que me fizeram sentir ainda mais a necessidade e urgência de escrevermos sobre, pois nota-se pouquíssimas pesquisas que tragam as temáticas de “gênero, raça e sexualidade” para o campo da “música”.

Já no Banco de dissertações e teses da Capes, ao utilizar os mesmos 10 descritores encontrei um total de 128.439 resultados, sendo apenas 54 relacionados a Área de Conhecimento “música”, o que corresponde a menos de 0,1% do total de teses e dissertações encontradas. Também procurei fazer o caminho contrário e fui procurar trabalhos de música em algumas revistas especializadas em gênero e sexualidade, como Estudos Feministas (UFSC), Cadernos Pagu (UNICAMP) e Periódicus (UFBA). Para isso, utilizei os descritores “música”, “música instrumental” e “choro”. Para minha surpresa, das 3 palavras-chaves, tive resultados apenas com “música” e muito abaixo do que imaginava. Foram apenas 3 resultados ao total.

Ao final, foram encontrados 85 artigos nas 6 revistas acadêmicas de “música” pesquisadas (Hodie, Per Musi, Opus, Orfeu, Claves e ABEM) que dialogassem com a área de conhecimento “gênero, raça e sexualidade”, sendo 22,35% de publicações da década de 2000, 60% da década de 2010 e 17,64% da presente década de 2020²⁵. E entre teses e dissertações, no banco da CAPES, de 74 trabalhos, tivemos 9,45% de publicações da década de 2000, 62,16% da década de 2010 e 28,37% da presente década de 2020. Dados esses que comprovam o que as pesquisadoras Camila Durães Zerbinatti, Isabel Porto Nogueira e Joana Maria Pedro levantaram em artigo publicado em 2018 intitulado “A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais”, no qual buscaram mapear pesquisas no campo “música e gênero” de 1978 até 2017 e notaram que há uma crescente nas produções, que a cada década há um aumento de publicações. É o que esperamos que continue acontecendo, sendo que estamos no início da década de 2020 e já produzimos mais do que o que foi produzido em toda a década de 2000.²⁶

²⁵ De todos os 85 artigos encontrados, relacionando os campos de “gênero, raça e sexualidade” e “música”, 19 são da década de 2000, 51 da década de 2010 e 15 da década de 2020.

²⁶ Somando as porcentagens dos trabalhos encontrados nas revistas de música, de gênero, e no banco de dados da CAPES, foram 31,8% de todos encontrados, da década de 2000, e 46,01% da década de 2020.

ENCONTRANDO OUTRO SEMELHANTE NO AMBIENTE MUSICAL DO CHORO

Voltando ao ano de 2019, conheci por meio da rede social Instagram, o clarinetista, saxofonista e compositor Caetano Brasil, que se auto declara como homem cis, negro e gay. A partir desse novo contato percebi nele inquietações similares às minhas, que me fizeram querer me aprofundar mais ainda no tema. E a questão principal que me uniu a ele foi: “Onde estão os LGBTQIA+ no Choro? Na música instrumental brasileira?”. Em 03 de Março de 2021, Caetano lança um vídeo em seu canal no Youtube intitulado “AQUELES 5 LGBTQIA+ do Choro que Lacram! - Caetano Brasil”²⁷, no qual fui convidado e participei ao lado de outras/os 4 artistas. Em Junho do mesmo ano, novamente fui convidado por ele a participar de um vídeo, da música “I Will Survive”²⁸ junto de outras/os musicistas LGBTQIA+ do Brasil em comemoração ao mês do orgulho LGBTQIA+. O vídeo foi ao ar em seu canal no dia 30 de Junho de 2021. A partir dessas produções e do meu trabalho e pesquisa com o Choro de Pelotas, paralelamente a minha caminhada no curso de Música Popular, fui encontrando e afinando o meu recorte temático para este presente TCC.

Ainda sobre a minha inserção na música instrumental e refletindo sobre as perspectivas e óticas do gênero e da sexualidade, vejo que foi, de certa forma tranquila minha entrada nesse ambiente, acredito que por eu ser um homem branco, cis, com uma passabilidade heterossexual, a minha orientação sexual, gay, não foi colocada em xeque de forma a me prejudicar dentro do ambiente do Choro na cidade. No entanto, por ser praticamente o único homem gay, assumidamente, do Clube do Choro de Pelotas, apenas mais um frequenta com certa periodicidade, ainda acaba sendo um espaço não confortante para pessoas LGBTQIA+, justamente por haver pouca representatividade (há também mais uma mulher branca, e assumidamente LGBTQIA+ que toca conosco). Apesar de aparentemente ser um ambiente confortante há ainda aquela cobrança invisível. É preciso ser excelente, não basta ser bom, muito menos iniciante. Então, inconscientemente, eu queria, por insegurança, ser muito bom, para não dar espaços para comentários que pudessem ser ofensivos na sua narrativa. E digo isso como uma crítica construtiva a espaços que são formados majoritariamente por homens. Eu, como homem branco,

²⁷ Importante salientar que foi uma difícil missão encontrar estes 5 LGBTQIA+ que tem o Choro como uma das suas linguagens musicais centrais. Segue o vídeo “AQUELES 5 LGBTQ+ do Choro que Lacram! - Caetano Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TQaGfhcgyvs>. Acesso em: 3 mar. 2021.

²⁸ Segue o vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/3mz1gBE3TRc>. Acesso em: 30 jun. 2021.

percebo essa necessidade de refletirmos sobre o espaço que estamos construindo. E como homem gay e pesquisador, quero buscar soluções e refletir sobre como é possível fomentarmos espaços mais saudáveis a todas as identidades, para que cada vez mais possamos ver as rodas de Choro realmente representando o Brasil, diversas em sua formação e construção ao pensarmos “gênero, sexualidade, raça e classe”.

Fruto dessas indagações, em 2021, coordenei o “I Festival de Choro de Pelotas” no qual conseguimos realizar diversas atividades de fomento do gênero musical na cidade e dentre essas ações, para mim as mais importantes foram as rodas descentralizadas, nas quais o objetivo principal era o de levar esse movimento cultural, essa celebração musical, que é a roda de choro - comumente realizadas dentro de espaços infelizmente ainda excludentes, como o Mercado Central de Pelotas e o Conservatório de Música de Pelotas - para as margens da sociedade pelotense, para as periferias, para os “quartos de despejo de Carolina de Jesus”²⁹. Assim, levamos duas rodas para bairros afastados do centro como o Dunas e o Navegantes, tendo ótimos resultados e contato com as comunidades.

CAPÍTULO 2 – ICONOGRAFIA MUSICAL: PERSPECTIVAS DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE

Neste segundo capítulo, após nos afinarmos com relação aos termos *gênero* e *choro*, levantarmos alguns dados a respeito de trabalhos científicos já realizados nessas temáticas e de breve explicação e descrição dos motivos pelos quais escolhi tratar deste assunto, parto para uma segunda etapa da pesquisa: buscar, por meio da Iconografia Musical, de fontes de reflexão acerca de gênero e sexualidade nesta música instrumental brasileira, Choro, a partir da seleção de algumas capas de discos e consequente análise das mesmas. Antes de apresentar minhas escolhas e análise das capas, trago aqui algumas definições de *iconografia*, o por que de escolher está subdivisão da área de conhecimento Musicologia para me auxiliar neste trabalho e um breve contexto histórico da presença feminina na música instrumental popular brasileira.

Antes de tudo precisamos entender o que significa e de onde vem o termo Iconografia. Para o professor titular do Museu de Arte Contemporânea da USP

²⁹ Aqui referencio o livro “Quarto de Despejo” de Carolina de Jesus, publicado em 1960 pela Editora Francisco Alves, no qual a autora relata sua vivência como moradora da favela, mãe e catadora de papel, e denuncia desta forma, a miséria, o racismo, e os preconceitos vividos por grande parte da população brasileira. (FREITAS, LOPES, 2020)

(MAC- USP), Edson Leite (LEITE, 2017, p. 2):

“Iconografia (do grego "Eykon", imagem, e "graphia", descrição, escrita) é o estudo das imagens artísticas, representações em pintura, escultura e outros ramos das artes visuais, em sua relação com suas fontes e significados; é uma disciplina que estuda a origem e a elaboração das imagens e as respectivas relações simbólicas e/ou alegóricas”.

Lembrando que a Iconografia é uma das nove subdivisões da Musicologia, segundo divisão proposta em 1980 pelo pesquisador e professor norte-americano Vincent Duckles. Dentre todas as outras subdivisões - método histórico, método teórico e analítico, crítica textual, pesquisa arquivística, lexicografia e terminologia, interpretação histórica, estética e crítica, e dança e história da dança - que Duckles (1980) propõe, a Iconografia foi a disciplina que escolhi pois por meio da imagem conseguimos traçar uma narrativa histórica e social em relação a música. Segundo o musicólogo brasileiro Paulo Castagna (CASTAGNA, 2008, p.9):

“A iconografia, por sua vez, é o estudo de fontes visuais relacionadas à música, as quais apresentam informações sobre instrumentos musicais e suas formas de execução, número e tipos de intérpretes, formas, dimensões e características dos espaços de apresentação musical (em teatros, igrejas, residências ou ao ar livre), figurino e cenários operísticos, etc. [...] A partir do momento em que a iconografia tornou-se um eficaz método de pesquisa musicológica, surgiu a necessidade de uma sistematização internacional de fontes, surgindo em 1977 o RIDIM (Repertoire International d'Iconographie Musical), destinado a catalogar as fontes iconográficas conhecidas e, portanto, facilitar sua localização e consulta.”

Portanto, a Iconografia Musical, nos ajuda a compreender contextos sociais e culturais através do estudo das imagens, das fontes visuais e da sua relação com a música. Ao escolher este ramo da Musicologia, pretendo analisar algumas capas de discos de Choro no intuito de tentar compreender um pouco mais as relações de gênero, raça e sexualidade neste universo musical.

Ainda antes de partirmos, de fato, para a Iconografia Musical, iremos fazer uma sucinta contextualização de gênero e sexualidade no Choro, aqui no Brasil. O Choro, como desdobramento do contexto histórico em que nasce, ainda reverbera raízes patriarcais, racistas e machistas. Desde seu nascimento, por volta de 1870, nota-se pouca presença feminina e LGBTQIA+ nas discografias e história do gênero. Segundo José Júnior³⁰:

³⁰ Pós-Graduado Lato sensu em História: Arte, Patrimônio e Cultura do UNIFAI - Centro Universitário Assunção; mestre em Educação – Políticas pelo Centro Universitário Nove de Julho; especialista em Sociologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESPSP e bacharel em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP.

Passados os anos 1960, com o fortalecimento da urbanização, a liberação feminina, o advento de antibióticos e da pílula anticoncepcional, o fim da obrigatoriedade de autorização do marido para trabalhar, em pleno último quartel do século XX, as musicistas choronas ainda assim não haviam conseguido ampliar seu espaço, não haviam contemplado seu papel de maneira a equilibrar justa representação ao lado dos homens (JUNIOR, 2020, p. 2)

Neste período, fruto da primeira onda feminista³¹ e já início da segunda onda³², as mulheres começam a buscar seu espaço na música instrumental popular brasileira. No artigo, “Mulheres no Choro: a participação feminina à época dos 100 anos do gênero”, publicado pela biblioteca hospedada no site dedicado a vida e obra de Chiquinha Gonzaga, o autor José Júnior salienta que as mulheres, em um contexto geral da música no Brasil “[...] são 8% dos músicos acompanhantes e 11% dos intérpretes (UBC, 2018)”, segundo dados do ano de 2018 da União Brasileira dos Compositores, um dos órgãos responsáveis pelo registro de músicas e arrecadação de direitos pelas obras e fonogramas aqui no Brasil. Ou seja, em um país onde a maioria da população é de mulheres³³ e apenas 8% destas estão registradas como “músicos acompanhantes”, nota-se que há algo muito errado e desigual ainda nas estruturas sociais e culturais brasileiras. Mais um dado complementar, também da UBC, é de que, de todos os associados, apenas 13% são mulheres (UBC, 2018). E quando voltamos para o universo do gênero musical Choro, segundo Miranda Bartira Nunes Souza, filha de um dos fundadores do Clube do Choro de São Paulo, as mulheres como musicistas e colaboradoras, em um recorte temporal de 1977 a 1979, período de criação do Clube de Choro de São Paulo, tem pouquíssima participação: “[...] A presença feminina constatada no montante³⁴ foi de apenas 10 musicistas. O que significa menos de 5% dos artistas em ação.” (JUNIOR, 2020, p. 13). E dessas 10 mulheres, 3 eram cantoras, 3 pianistas, 2 percussionistas, 1 cavaquinista e 1 flautista - novamente nota-se uma minoria feminina atuando com instrumentos mais relacionados, culturalmente, ao

³¹ A primeira onda feminista, segundo Djamila Ribeiro, em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro?” (RIBEIRO, 2018) data do início do século XX, quando em 1922 nasce a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino com o objetivo de lutar pelo sufrágio (direito ao voto) feminino e pelo direito ao trabalho sem necessidade de autorização do marido.

³² Já a segunda onda feminista, que data do início da década de 60 e combateu a ditadura militar, lutou pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra violência sexual (RIBEIRO, 2018).

³³ “[...] 48,3% de homens e 51,7% de mulheres” (JUNIOR, 2020, p. 3)

³⁴ De 233 nomes anotados numa ata de presença, apenas 10 eram mulheres. Destas, Tia Amélia (pianista), Ademilde Fonseca (cantora), Eudóxia de Barros (pianista), Lina Pesce (pianista), Yvone Melo Toledo (flautista), Luciana Rabello (cavaquinista), Celina (cantora), Geni (percussionista), Miti (cantora) e Regina (percussionista). Em porcentagem: 30% de cantoras, 30% de pianistas, 10% de flautistas, 10% cavaquinistas e 20% percussionistas. (JUNIOR, 2020, p.13)

universo masculino, os de acompanhamento, como cavaco, violão e percussão. E quanto aos aspectos burocráticos, na direção do Clube de Choro de São Paulo, apenas “[...] Três mulheres para pensar a entidade. Isto constitui 7% dos participantes. [...]” (JUNIOR, 2020, p. 13).

Em 1977, tiveram início, também, dos Festivais Nacionais de Choro, e dentre as edições de 1977 e 1978 houve pouquíssima presença feminina, júris formados somente por homens, e dentre os compositores apenas homens também, nenhuma mulher. Destacando-se, dentre maioria masculina, algumas poucas instrumentistas, como as flautistas Elena Rodrigues Santos e Rosane Volchan, e a pianista Lívia Sandoval Abrahão (JUNIOR, 2020). Mais adiante no referido artigo, Júnior cita algumas mulheres que tiveram e têm participação na cena do Choro como instrumentistas, a exemplo da pianista Clara Sverner³⁵, a pianista Eudóxia de Barros, a cavaquinista Luciana Rabello, a pianista Maria José Carrasqueira, a bandolinista Jane Silvana Corilov, mais conhecida como Jane do Bandolim, as pandeiristas Kika Viana e Roberta Valente, a flautista Rose da Flauta e os grandes nomes das musicistas/choronas “[...] Tia Amélia, Lina Pesce e Carolina Menezes [...]” (JUNIOR, 2020, p. 21). Como compositoras, poucas mulheres também são sublinhadas, a maioria tendo sua trajetória invisibilizada na história da música brasileira. Além de Chiquinha Gonzaga, a mais conhecida, há também Sueli Costa, que tentou atuar como compositora desde 1961 mas teve seus trabalhos diversas vezes recusados pelo fato de ser mulher, como aponta Junior, e também nomes como “[...] Marília Batista, Almira Castilho, Dolores Duran, Maysa e Inezita Barroso [...]” (JUNIOR, 2020, p. 20).

Achei necessário, para contextualizar um pouco mais o território em que estamos trabalhando, trazer esses dados coletados e bem refletidos que José de Almeida Amaral Júnior organiza em seu artigo. Nele, o pesquisador se debruça mais sobre o recorte do gênero e a pouca presença feminina na historiografia da música brasileira, mais especificamente do Choro, considerado o primeiro gênero musical instrumental urbano nacional. Nessa minha pesquisa, irei tentar ampliar um pouco esta reflexão para além do gênero, mas também para pensarmos raça e sexualidade nesse contexto. Agora, nas próximas páginas procurei fazer uma seleção e reflexão, a partir do auxílio da Iconografia Musical, de discos que têm a presença de figuras femininas e/ou da comunidade LGBTQIA+ em sua formação.

³⁵ Clara Sverner, apesar de sua formação erudita, conta com 2 LP's e 1 CD interpretando a obra de Chiquinha Gonzaga, e 5 LP's de música instrumental, com enfoque no Choro, em parceria com o clarinetista e chorão Paulo Moura. (fonte: http://clarasverner.com/wp/?page_id=17 - acessado em 29 de abril de 2022)

Logo no início das minhas pesquisas, encontrei enorme dificuldade para encontrar figuras femininas e LGBTQIA+ na discografia do Choro. Para tentar entender um pouco mais do porque dessa lacuna, fui buscar referências na história das gravações e dos discos aqui no Brasil.

BREVE HISTÓRIA DAS GRAVADORAS E DOS DISCOS NO BRASIL E A PRESENÇA FEMININA

A primeira gravadora foi inaugurada no país em 1902, a casa Edison, no Rio de Janeiro. Segundo o pesquisador Rodrigo Gomes (CANTOS SAVELLI GOMES, 2019, p.9): “A Casa Edison e as suas gravações são tomadas pela maior parte dos estudiosos como a pedra fundamental para a constituição da trajetória da música popular brasileira.” As primeiras gravações realizadas são do mesmo ano, chegando a cifra de 750 mil discos em 1911, ano de construção da primeira fábrica de discos no país e na América Latina, em parceria do tcheco Frederico Figner com o grupo europeu Lindström Co.

Deste então, se inicia uma história da produção fonográfica aqui no Brasil (ARAGÃO, 2017). Em 1911, Pixinguinha, então com 14 anos, fez sua estreia fonográfica como flautista do conjunto Choro Carioca, liderado por Irineu de Almeida, que também foi professor de Pixinguinha. Eles gravam a polca “Nhonhô em sarilho” de Guilherme Cantalice e mais quatro composições de Irineu.³⁶ Todos os temas gravados na Casa Faulhaber e lançados pelo selo Favorite Record (fonte: Instituto Moreira Salles). Pensando em gênero, surge a pergunta: onde estavam as mulheres nestes registros fonográficos?

Chiquinha Gonzaga³⁷ teve sucesso com muitas de suas composições na época, que perduram até hoje nos ouvidos do povo, muitas divulgadas, em sua maioria por partituras, a exemplo do *Choro “Corta-Jaca (gaúcho)”*. Isso devido, muito provavelmente, ao fato da maestrina estar inserida neste ambiente, tendo passagens em sua trajetória como integrante do conjunto do Joaquim Callado, chamado “Choro Carioca” ou “Choro do Callado”³⁸, por exemplo. No entanto, a renomada compositora e pianista ainda era uma exceção dentro deste universo

³⁶ Informações retiradas do próprio site de Pixinguinha, organizado pelo Instituto Moreira Salles, a partir do link <https://pixinguinha.com.br/vida/>. (Acessado em 18 de março de 2023)

³⁷ Segundo o pesquisador Rodrigo Gomes, a maestrina foi uma das poucas mulheres do final do século XIX e início do século XX a lançar-se profissionalmente no campo composicional, publicando inclusive suas obras em editoras renomadas. (GOMES, 2019).

³⁸ Importante salientar que este grupo também era chamado, por alguns pesquisadores, de “Choro do Callado” e a partir das referências pesquisadas, não sei dizer se era o mesmo que Irineu de Almeida liderava e que Pixinguinha participou. (TABORDA, 2010)

frequentado em sua grande maioria por homens. Segundo Gomes (CANTOS SAVELLI GOMES, 2019), ao analisar manchetes de jornal do século XIX referentes à estreia de Chiquinha em 1877 com sua composição “Atraente”, ser mulher musicista era um acontecimento ainda muito raro e difícil:

O periódico “O Mequetrefe” também deixa evidente a relação entre o gênero feminino e a prática artística. A necessidade de marcar o gênero quando se trata de discursar sobre uma mulher se evidencia logo no título da matéria pela expressão “Talento de mulher”. Mais ainda, a narrativa sugere que para Chiquinha conquistar definitivamente um “lugar bem distinto”, deve ouvir os conselhos dos mestres e suplantar os constrangimentos iminentes a seu gênero. Ser mulher é algo que pesa em seu desfavor, sua condição de gênero precisa ser superada para se firmar no distinto campo da arte. (CANTOS SAVELLI GOMES, 2019, p. 7-8)

Foi então que, em 1910, conseguiu que sua composição “Atraente”, de 1877, fosse gravada pelo grupo idealizado e regido pela própria, “Grupo Chiquinha Gonzaga”³⁹, pela Columbia, segundo o acervo Instituto Moreira Salles. Após pesquisa nos acervos do Instituto Moreira Salles, foram encontrados 4 registros, apenas 2 com áudio, desta composição com o Grupo Chiquinha Gonzaga, dos anos de 1910, 1912 e 1914. Até a apresentação deste TCC, não tinha encontrado nenhum registro sonoro, mas durante a revisão para publicação, alguns meses depois, encontrei um de 1910, sob o selo “COLUMBIA R 11773”. Neste áudio é possível escutar um timbre, que não atua como solista, mas no acompanhamento, semelhante à um piano, o que leva a crer que ela possa sim ter participado desta gravação, ao contrário do que até então as informações me mostravam. No entanto, estas faltas de informações, para mim, apontam, de uma certa forma, para um sutil processo de apagamento dessa história protagonizada por uma mulher, musicista, pelo simples fato das narrativas serem, ainda, infelizmente, escritas e contadas, em sua maioria, por homens. Segundo Gomes, dizer e também o não dizer são mecanismos que levam ao surgimento ou desaparecimento de sujeitos e artefatos (CANTOS SAVELLI GOMES, 2019, p.10): “[...] as estruturas discursivas que permite que eles [sujeitos e artefatos] sejam enunciados ou calados.[...]”. O que se sabe é que Chiquinha, tenha sim, participado de algumas gravações em grupo, como pianista, e ao menos uma, solo⁴⁰. (CANTOS SAVELLI GOMES, 2019).

³⁹ O grupo criado no início do século XX era formado pelo flautista Antônio Maria Passos, pelo violonista Arthur de Souza Nascimento e pelo cavaquinista Nelson dos Santos Alves. Fontes indicam que Chiquinha, além de idealizadora e diretora musical, atuava como pianista no projeto. (GOMES, 2019).

⁴⁰ Em 2015, chega uma gravação inédita para o Instituto Moreira Salles, ao piano, na qual a locução inicial e interpretação são atribuídos à maestrina. A mesma pode ser ouvida no canal do IMS no YouTube. Disponível em: https://youtu.be/Xw3eU_1DvQw. Acesso em: 17 de abril de 2022.

Lembrando que, nesse período, nas primeiras décadas do século XX, as mulheres não tinham nem direito ao voto no Brasil, nem de trabalhar sem autorização do marido, o que dirá entrar em um estúdio e gravar suas próprias composições. Sim, essa realidade, misógina e excludente, infelizmente faz parte da história do nosso país e foi fortemente combatida por Chiquinha, que além de musicista é reconhecida como “[...] pioneira em diversos aspectos, mulher mestiça/negra, símbolo das causas feministas, republicana e abolicionista em sua época [...]” (CANTOS SAVELLI GOMES, 2019, p. 4); e também, vale lembrar, pioneira na luta por direitos autorais.

Passados 59 anos do falecimento dessa grande mulher, ativista, feminista, musicista e artista Chiquinha Gonzaga, é só no ano de 1994, segundo indícios da imprensa brasileira⁴¹ e de algumas pesquisas acadêmicas, que se tem informações de, provavelmente, o primeiro grupo de Choro composto só por mulheres⁴², as Choronas. Importante salientar também que, em 1993, segundo Gomes, Jane do bandolim foi pioneira no enfrentamento ao mundo masculino chorão paulistano e liderou seu próprio grupo - O Miado do Gato -, feito raro, e em 1998 foi intitulada “A Rainha do Bandolim” (CANTOS SAVELLI GOMES, 2019). Mas é no ano de 2000, então, que o grupo Choronas lançam seu primeiro álbum, intitulado “Atraente”, em clara referência a esta obra, uma das mais famosas de Chiquinha Gonzaga. A partir de então, outros grupos de música instrumental brasileira com o Choro como gênero principal, e majoritariamente femininos em sua composição, começam a aparecer, como por exemplo, o grupo paulistano “Choro das 3”, criado em 2002 e formado por

⁴¹ A imprensa brasileira foi uma das fontes onde procurei buscar informações, já que há pouquíssimas pesquisas acadêmicas que tratam deste assunto, como foi apontado no primeiro capítulo deste trabalho. No entanto, se encontram também alguns suportes e indícios nas pesquisas e artigos de José de Almeida Amaral Júnior. Uma delas é que Jane do Bandolim tenha sido uma das primeiras mulheres a liderar um grupo de Choro, isso em 1993 (GOMES, 2020). Outro indício é apontado no artigo de Marcus Vinícius Medeiros Pereira, de 2019: “A história do choro em Juiz de Fora [...] não traz registros de participação feminina desde os primeiros grupos formados em meados de 1900.” (PEREIRA, 2019). Veja bem, não traz registro de “participação feminina”, quanto mais protagonismo e grupos exclusivamente femininos. Aqui em Pelotas não é diferente. As pesquisas não apontam para a formação de grupos de Choro femininos. (VELLOSO, MUSTAFE, 2021; SILVEIRA, 2004)

⁴² Diversas matérias da imprensa nos dão indícios de que as Choronas tenham sido o primeiro grupo de Choro composto só por mulheres, pelo menos a gravar um disco, entrando assim consequentemente na história da discografia brasileira: <https://www.cultura.sp.gov.br/formado-so-por-mulheres-grupo-choronas-se-apresenta-no-memorial-da-america-latina/>, <https://universoretro.com.br/entrevista-pioneiras-no-universo-do-choro-choronas-falam-com-universo-retro/>, <https://radios.ebc.com.br/roda-de-choro/2020/11/grupo-choronas-e-o-destaque-do-roda-de-choro>, <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/programacao/index.php?p=26115>, <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/evento/choronas-25/> e <http://www.reinoliterariobr.com.br/2022/04/newschoraco-celebra-valorizacao-e.html> (todos os sites foram acessados no dia 24 de abril de 2022). Talvez pela falta de pesquisas que relacionem os campos da “música” e “gênero, raça e sexualidade”, como o levantamento de dados mostrou no capítulo anterior, não tenha achado tantas informações em ambiente acadêmico.

três irmãs mais o pai, percusionista; o grupo curitibano “Brejeiras”, criado em 2016 e formado por 4 mulheres musicistas; o grupo brasiliense “Regional Segura Elas”, formado no ano de 2017; e o grupo carioca “Chora - Mulheres na Roda”, criado no ano de 2018 e formado por 3 mulheres musicistas.

ANÁLISE DOS ÁLBUNS

Para este trabalho, e presente análise de Iconografia Musical, tive de fazer três escolhas dentro do universo discográfico de mulheres e LGBTQIA+ no Choro. Meus critérios de seleção foram: escolher uma capa do primeiro, suposto registro de um grupo de Choro composto só por mulheres, no caso as “Choronas”. A segunda capa, é de um grupo mais recente, composto majoritariamente por mulheres, e que tem uma grande produção discográfica em sua trajetória, o “Choro das 3”. E por último, já que as outras duas capas referem-se mais a questão do “gênero” como critério de seleção, escolho uma capa do músico Caetano Brasil, homem, negro e gay, que lidera seu grupo instrumental que tem o Choro como gênero musical principal - aqui pensando o campo da “sexualidade” como definidor.⁴³

Atraente – o primeiro álbum do grupo Choronas (2000)

O álbum escolhido das Choronas foi “Atraente”, Figura 1, álbum de estreia do grupo, gravado em 1999 e lançado em 2000 pelo selo da editora paulista e cristã, Paulus. Fato curioso este, pensar que o selo de lançamento se declara como uma editora cristã, portanto, visa, segundo trecho encontrado no próprio site da mesma⁴⁴, trabalhar com projetos de diversas áreas, que não venham necessariamente de um ambiente cristão, mas que sejam ao menos, pensados sob uma ótica cristã, em sua narrativa, o que me deixou intrigado, sabendo da presença de mulheres que compõe o grupo e de suas lutas individuais e coletivas por independência e autonomia neste espaço artístico, e ainda mais de o álbum ser idealizado como uma

⁴³ Criei uma playlist pública no Spotify, para que você acompanhe, com mais profundidade, as reflexões deste capítulo. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/4lXJJp6nymq42jI6O28J70?si=119204e301c84455>. Acesso em: 7 jun. 2022.

⁴⁴ Trecho encontrado no site da editora, no campo “Quem somos”: “[...] Não tratar somente de religião, mas falar de tudo cristãmente [...]”. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/pia-sociedade-de-sao-paulo/#.YmxiNdrMLIU>. Acesso em: 29 abr 2022.

grande homenagem a maestrina e pioneira na luta por direitos autorais, Chiquinha Gonzaga.

O fato de, o provável primeiro disco de um grupo de Choro, inteiramente composto por mulheres, ser lançado por um selo cristão, nos mostra, no mínimo, um profundo simbolismo, conservadorismo, colonialismo e cristianismo da sociedade brasileira, e como ela tem profundas raízes opressoras em suas estruturas. Esta primeira impressão me trouxe algumas questões acerca dos motivos que levaram o grupo a produzir com este selo, o que me levou a entrar em contato diretamente com uma das integrantes das Choronas. Em entrevista com Ana Cláudia, cavaquinista e uma das fundadoras do grupo, elas buscavam no momento, após aproximados 5 anos de trajetória do projeto, um bom técnico de som que pudesse fazer a captação deste disco. A partir da ligação de algumas integrantes do grupo, Paola Picherzscy e Gabriela Machado, com o meio da música erudita ou ligeira, surgiu então o nome de um técnico que estava acostumado a fazer captações de formações instrumentais acústicas, apelidado de “Gato”, que trabalhava no estúdio da Paulus, até então na Vila Mariana, São Paulo/SP, Brasil. O “Gato” gostou tanto do som que resolveu mostrar para os responsáveis pela curadoria do selo, que também, logo se apaixonaram pela sonoridade e resolveram então arcar com os custos deste primeiro disco. Este foi o principal motivo pelo qual o grupo optou pelo selo. O lançamento foi um sucesso, *record* de vendas, o que levou a Paulus a apoiar a produção do segundo disco do grupo. E é a partir do terceiro disco que elas resolveram se desvencilhar - como a própria disse, foi um momento de libertação - da gravadora para poder ampliar as sonoridades e possibilidades do projeto.

Segunda a própria Ana, foi como uma libertação, poder pagar com o próprio dinheiro e produzir mais livremente, como segundo ela própria, sempre foi o “espírito” do grupo e de cada uma delas. Outros dois pontos importantes a sublinharem são, primeiramente, que a cavaquinista disse terem escolhido tudo na produção, mantendo a independência e autonomia do grupo, até porque, provavelmente, as ordens sempre viriam de um homem, ainda mais no início do século, portanto as escolhas, como do(a) artista responsável pelas fotos e concepção da capa, por exemplo, tudo escolha do grupo. E secundamente, a ideia de um álbum que homenageia a maestrina Chiquinha Gonzaga, foi como um processo de receber a benção dessa mulher que revolucionou a música brasileira e abriu portas e janelas para muitas outras mulheres, hoje musicistas.

Voltando para a capa, observando a construção das imagens, notei uma flor,

e esta flor é vermelha - o que me remeteu, logo de início, a sentimentos como “amor” e “paixão” -, o que já relaciona-se ao título do álbum: “Atraente”. A capa foi concebida pelo fotógrafo Gal Oppido⁴⁵, tem a cor vermelha como central e é composta de uma foto, multiplicada quatro vezes, e estas multiplicações estão dispostas de forma espelhada nos quatro cantos do retrato, trazendo a ideia de uma flor com quatro flores. A forma desta flor me lembrou de uma planta conhecida aqui no Brasil e nativa da Colômbia, chamada Antúrio. Na capa, todas as integrantes do grupo estão sobre uma espécie de sofá vermelho, com vestidos vermelhos, exceto uma, que está com vestido branco. A integrante de vestido branco, pode estar representando o espádice deste possível Antúrio, que segundo a bióloga Sandra Zorat Cordeiro, em texto⁴⁶ publicado no site da UniRio, é “um conjunto de pequeninas flores dispostas sobre uma estrutura alongada, em forma de espiga, de cor amarelada”.

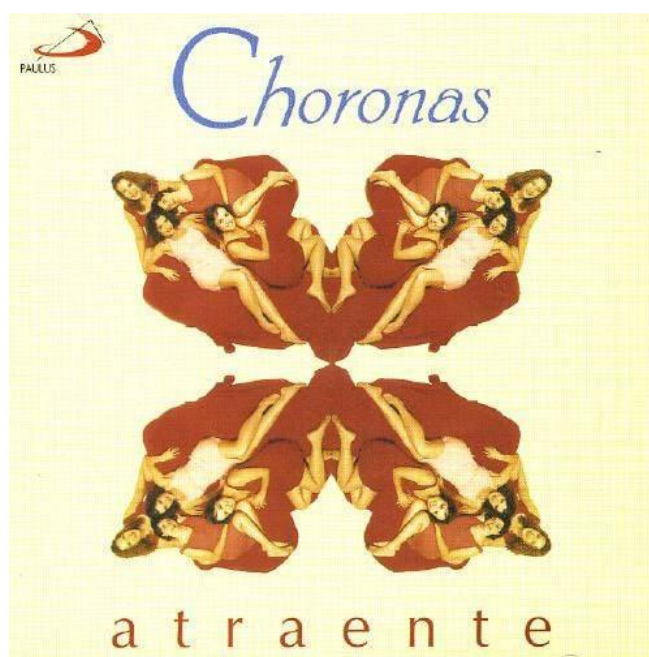


Figura 1: Capa do álbum “atraente” do grupo Choronas, de 2000.

Além disso, fui buscar também o significado e as raízes da palavra flor, símbolo principal desta capa, na minha análise, para me ajudar nesta interpretação.

⁴⁵ Segundo a cavaquinista do grupo, Ana Cláudia César, o fotógrafo e editor desta capa, tanto como do segundo, quarto e quinto álbuns é Gal Oppido. De acordo com descrição no site “arte/ref” de arte contemporânea, ele é filho de mãe católica e pai anarco-comunista, arquiteto, músico e designer. Divide seus trabalhos em três pilares: os trabalhos autorais - onde é responsável pelo conteúdo e forma; a fotografia aplicada - ligada à arquitetura e propagandas de outros artistas; e os intermediários - mesclam as fotos autorais com a visão dele de obras de outras pessoas. Disponível em: <https://arteref.com/artista/gal-oppido/>. Acesso em 11 mai. 2022.

⁴⁶ Link para texto sobre o Antúrio. Disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/anthurium-andreanum-linden>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Para isto, busquei em três dicionários *onlines*, *Michaelis*, *Priberam* e *Oxford Languages*. Esta breve pesquisa pelos significados da palavra abriu para variadas interpretações.

Para o *Michaelis*, flor é “Tudo aquilo que se entende como mais belo, mais distinto, mais limpo ou mais nobre de um conjunto ou de uma coletividade”, significado este que vai ao encontro da ideia das palavras presentes na capa: “Choronas” e “Atraente”, como se a flor, formada pelas integrantes do grupo, representasse então a ideia do nome do álbum, “Atraente”. Já para o dicionário *Priberam*, flor pode ser entendida simbolicamente como “virgindade da mulher”. Por meio deste segundo significado, podemos refletir sobre o grupo ser provavelmente o primeiro, composto só de mulheres, no gênero musical Choro, a fazer parte do mercado fonográfico brasileiro, que como já vimos, tem início lá em 1902 (CANTOS SAVELLI GOMES, 2019). Fato este que se desdobra, ao pensarmos que a flor vermelha pode também remeter a menstruação da mulheres cis, pessoas transmasculinas e não-binárias. Lembrando que flor, do ponto de vista biológico, segundo o dicionário *Oxford Languages*, é uma “estrutura reprodutiva das angiospermas”, portanto, poderíamos relacionar ao órgão reprodutivo de mulheres cis, pessoas transmasculinas e não-binárias, o órgão genital, que é a vulva (popularmente conhecida como vagina).

A menstruação, simbolizaria portanto, esta característica, que não acontece com homens cis⁴⁷, marcando assim este evento - lançamento do, provável, primeiro álbum de Choro só de mulheres cis, ou então a primeira “menstruação discográfica” no Choro, o “[...] primeiro fluxo - a menarca [...]” (SARDENBERG, 1994, p. 1-2). Segundo a antropóloga Cecília Sardenberg (1994, p.24), todas as sociedades estudadas e citadas em sua pesquisa sobre a menstruação de uma perspectiva sócio-antropológica: “[...] tomam a menarca e a menopausa como marcos para a identificação e classificação de mulheres e para a diferenciação de papéis, atividades e comportamentos correspondentes a tal classificação”⁴⁸, portanto, este lançamento do álbum “Atraente”, pode ser entendido também, de um ponto de vista feminista, como um importante marco na re-identificação e re-classificação dos

⁴⁷ Lembrando que, as pessoas trans-masculinas e não binárias também menstruam, como as mulheres cis, e isso precisa ser pensado e falado, pois enquanto houver uma identificação entre a menstruação e o gênero feminino, muitas outras identidades que também menstruam podem sofrer disforias. Matéria sobre. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/menstruacao-de-homens-trans-e-tabu-que-precisa-ser-quebrado.e17bbbd98019b958d5428a7954ae2a47qdzzf195.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁴⁸ Interessante notar que essa citação, coloca a menstruação como uma condição biológica inerente às mulheres, pois ainda não estava-se discutindo, aqui no Brasil, a desconstrução da binaridade de gênero e a transgeneridade. Termos que passam a ter mais aprofundamento a partir do lançamento do livro “Problemas de Gênero” (1990), de Judith Butler e continuidade em “Corpos que Importam” (1996), também de Judith Butler.

papéis impostos às mulheres na música instrumental brasileira, mais especificamente no Choro.

Outro ponto interessante de se notar nesta capa é que, elas não estão com seus instrumentos em mãos - como geralmente acontece nas capas dos álbuns de Choro. Coletei, portanto, quatro capas simbólicas da discografia do Choro para exemplificar esta tradição no gênero, sendo de quatro gerações distintas, das décadas de 1960, 1970, 1990 e 2010 - Figura 2.



Figura 2: Capas de álbuns de 1966 à 2018⁴⁹

Já na capa do álbum *Atraente*, do grupo *Choronas*, elas estão sem seus instrumentos, o que sinaliza ainda uma narrativa do corpo feminino de forma sexualizada e objetificada na sociedade brasileira - espaço no qual, o mercado, dominado majoritariamente por homens⁵⁰ separa, ou pelo menos, culturalmente e historicamente, sempre separou para as mulheres. Basta tentarmos imaginar uma capa de música instrumental, com homens, sem os instrumentos, sob um olhar de cima para baixo da câmera e de aspecto sensual, e logo percebemos estes papéis, impostos pelas estruturas patriarcais, designados a cada gênero. Segundo Ana P. Barros, em artigo sobre as pin-ups da década de 40 e 50:

⁴⁹ Figura 2: No canto superior esquerdo, álbum de 1966, Pixinguinha com o saxofone e Benedito Lacerda com a flauta transversal; no canto superior direito, álbum de 1977, Waldir Azevedo com seu cavaquinho; no canto inferior esquerdo, álbum de 1995, o grupo Época de Ouro, todos com seus instrumentos; e no canto inferior direito, álbum de 2018, Hamilton de Holanda com seu bandolim.

⁵⁰ Entre as quinhentas corporações internacionais listadas na edição “Global 500”, da revista *Fortune*, de 2021, apenas 23 têm uma mulher como CEO. Ou seja, 95,4% dos maiores negócios do mundo são liderados por homens. Disponível em: <https://comoinvestir.thecap.com.br/mulheres-de-negocio-batem-recorde-como-ceos-na-global-500>. Acesso em 30 abr. 2022.

[...] as Pin-Ups também deixaram como herança a estigmatização do papel da mulher na sociedade contemporânea ao representarem imagens criadas por homens e serem consideradas objetos sexuais, possibilitando a popularização da sensualidade feminina como um produto de consumo.[...] (BARROS, 2018, p.1-2)

Mais adiante, no texto, Ana P. Barros, discorre sobre como a imagem feminina, no mercado, foi construída por homens e até hoje, vem fortemente seguindo essa tradição machista:

[...] toda essa tradição da construção da imagem idealizada da mulher se deu por meio de obras de homens. Ou seja, é o sexo oposto que dita as regras e o caminho que devem ser seguidos pelas mulheres para se chegar na sua própria idealização. [...] (BARROS, 2018, p.6)

Por último e não menos importante, algo interessante de notar-se são as poesias e letras de Choros e canções do cenário popular brasileiro que tem a figura da “flor” como símbolo. Como exemplo, o clássico do Choro, “Flor Amorosa”, de Joaquim Callado, que recebe letra de Catulo da Paixão em 1880. Nesta letra, a flor simboliza a figura feminina e junto disso, estereótipos e adjetivos naturalizados em nossa cultura patriarcal e machista, do que é ser mulher, como: “compassiva”, “sensitiva”, “presunçosa” e “vaidosa”. Todos adjetivos ligados a delicadeza e sensibilidade. No decorrer da narrativa da letra, o eu-lírico se apaixona pela “flor” e faz diversas declarações para que ela o aceite, que aceite o seu beijo. Em outro grande clássico do choro, a valsa “Rosa”, de Pixinguinha, pairam dúvidas sobre a autoria da letra. Segundo a página online⁵¹ dedicada à vida e obra de Pixinguinha no Instituto Moreira Salles:

“Sobre a letra da valsa, até hoje pairam dúvidas: em seu depoimento ao MIS- RJ, Pixinguinha afirmou que a autoria seria de um mecânico do Méier, de nome Octávio de Souza, falecido muito jovem e que teria feito a letra em homenagem à irmã de um certo Moacir dos Telégrafos, cantor do bairro. Para diversos pesquisadores, entretanto, existe a suspeita de que a letra – por seu estilo rebuscado e parnasiano – seria de Cândido das Neves, parceiro de Pixinguinha em “Página de dor” e outras músicas. Polêmicas à parte, a música seria editada pela Mangione em 1937 tendo Pixinguinha como único autor.”

A música se tornou um sucesso a partir da gravação de Orlando Silva em 1937 - quase uma década depois da primeira gravação de “Flor Amorosa” com letra,

⁵¹ Disponível em: <https://pixinguinha.com.br/discografia/rosa/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

que data de 1929 (MATOS, 2018). Na canção “Rosa”, a palavra “flor” é utilizada com o mesmo simbolismo, mas de forma mais erudita em sua poesia. Versos como “És láctea estrela / És mãe da realeza / És tudo enfim que tem de belo / Em todo resplendor / Da santa natureza”, ressaltam a beleza da figura feminina. O sonho pelo casamento do eu-lírico com a “Rosa” continua, uma narrativa de amor, de um casal monogâmico e cristão. Nota-se também, em ambas as canções, a presença de um discurso dentro da poesia das canções, fundado e estruturado por um imaginário religioso - cristão, com a aparição da figura de “Deus” como o criador, quem esculpiu a figura feminina. Criador, portanto, da ideia de “mulher” e de “homem” e de seus papéis na sociedade? A partir desta questão podemos refletir sobre como a figura da “Rosa”, da “Flor” é também aceito dentro deste e por este universo religioso cristão, ambiente pelo qual o álbum “Atraente” é lançado, através do selo e editora cristã “Paulus”, como uma representação do que é ser feminino, de como o que representa o feminino se comporta na sociedade. Segundo as pesquisadoras Alexandra Ribeiro, Rebeca Araújo e Beatriz Zechlinski em artigo publicado em 2018: “Os resultados demonstram que na composição de Rosa, a mulher ideal era aquela pura, boa mãe, esposa e dona do lar. Assim, o autor reforçou o discurso vigente na época, no qual demonstrava o papel da mulher voltado ao lar e ao casamento.” (RIBEIRO, ARAUJO, ZECHLINSKI, 2018, p. 103).

Bom, aqui finalizo a análise iconográfica desta capa e reflito. Nota-se como a opressão de gênero age na sociedade e no mercado, perpassando a individualidade à medida que é percebida como estrutural. Destaco aqui, novamente, que este álbum é um feito histórico e de uma força simbólica potente, porém, o lançamento deste disco pode ser visto ainda como atravessado por uma ótica machista, a medida que o grupo se lança e reproduz um papel de gênero imposto, o da mulher como sensual, por exemplo, valorizando pelo menos simbolicamente, pela imagem, mais o corpo do que os instrumentos, como tradicionalmente são produzidas as capas de Choro.

“Nossa sociedade possui em sua essência valores morais machistas e patriarcais, derivados de nossa colonização, mas que se mantém até os dias atuais como forte influência do pensamento e das atitudes de grande parte da população. Tais vivências encontram inúmeras barreiras à sua desconstrução, seja pela conveniência de permanecer nos papéis já pré-determinados por esse conhecimento, seja pela ausência de luta por parte da parcela da população que é inferiorizada e oprimida, e que sem conhecimento ou ferramentas para mudar a situação permanece na posição que lhe designam.” (CHAVES, GUERRAS, BASTOS, 2019, p. 23)

Salientando que, como Ana diz no início desta análise, a escolha do selo se

deu pela facilidade e qualidade de produção, o que já no 3º disco, conseguiram, como a própria diz, se libertar e então produzir tudo de maneira mais independente, o que conseqüentemente, resultou em notáveis progressos quanto à autonomia e liberdade nas produções. Deixo registrado aqui, que mesmo reproduzindo, em partes, uma narrativa machista, este acontecimento é de alto valor para a sociedade contemporânea, quebrando um ciclo de estereótipos estruturais e opressores, e colocando a figura da mulher em lugares que sempre deveriam ter pertencido a elas, produzindo assim novas possibilidades para o feminino na música instrumental brasileira. Tudo é política. E este lançamento abriu, como dito anteriormente, mais portas e janelas para muitas outras mulheres cada vez mais ocuparem seus lugares de direito.

Por último, importante observar e sublinhar que, as capas dos álbuns, a partir do 3º disco⁵², estão cada vez mais empoderadas e relacionadas com temáticas comuns dentre álbuns de música instrumental, como linhas, cores, e desenhos abstratos - simbolizando liberdade, improviso e criatividade. Segue na Figura 3.



Figura 3: Capas dos outros 4 álbuns das Choronas, de 2003 à 2020⁵³

⁵² Canto superior esquerdo “Choronas convida” - Além do primeiro, o segundo álbum do grupo também foi lançado pelo selo cristão Paulus, e possui, coincidentemente ou não, uma capa sexualizando e objetificando, ainda, o corpo feminino. A partir do terceiro álbum, de 2008, elas passam a lançar de forma independente, pela distribuidora Tratore, e conseqüentemente, passam a marcar mais suas óticas nas capas, mostrando assim, cada vez mais uma representatividade e força feminista.

⁵³ Canto superior esquerdo - álbum de 2003; Canto superior direito - álbum de 2008; Canto inferior esquerdo - álbum de 2018; Canto inferior direito - álbum de 2020.

Sendo que, o último (2020) - canto inferior direito da imagem acima, bem colorido, elas aparecem também com seus instrumentos em mão, imersas em múltiplas cores - soltas e vivas -, dando ares de liberdade e criatividade, além de estarem comemorando vinte e cinco anos de grupo e ao lado do título “CHORONAS 25⁵⁴”, há o símbolo do gênero feminino.

Meu Brasil Brasileiro - o primeiro álbum do grupo Choro das 3 (2008)

Agora partimos então para análise da segunda capa escolhida, que foi do grupo Choro das 3, dentre os 8 álbuns que estão lançados no Spotify pelas musicistas - que vem lançando álbuns desde o ano de 2008. A capa escolhida é, como das Choronas, o primeiro do grupo. O álbum “Meu Brasil Brasileiro”, foi lançado no ano de 2008, pelo selo Som Livre. O nome é o mesmo do disco de Ary Barroso lançado no ano de 1959. A capa é um retrato - fotografado por Diego Souza dos Santos, Diego46, e Eleni Sathie, e editado pela própria Som Livre - das três musicistas integrantes do grupo, cada qual segurando seu instrumento, que está em destaque, ao invés do corpo, e toda a imagem está tonalizada de amarelo. O nome “Choro das 3” está escrito em letras grandes, brancas, sobre uma espécie de folhagem vermelha por trás.

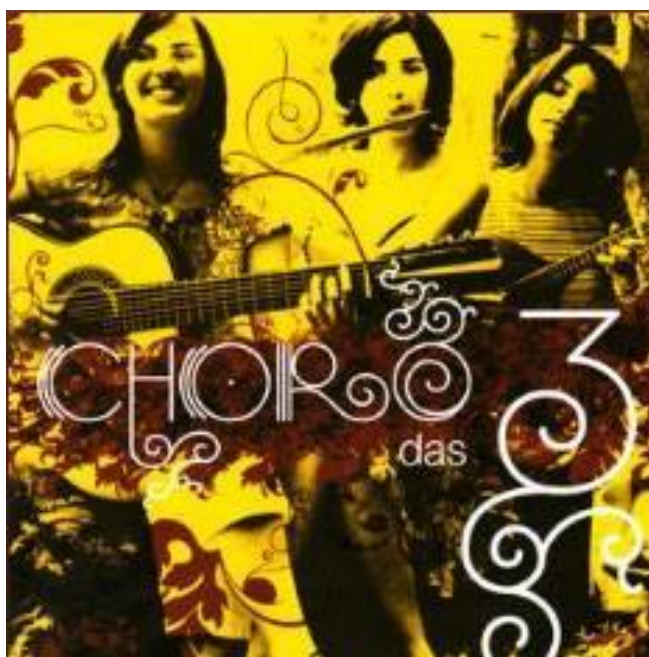


Figura 4: Capa do primeiro álbum do Choro das 3, de 2008

⁵⁴Link para álbum “CHORONAS 25”, no spotify:
<https://open.spotify.com/album/7pGwyMvmG7OSQu0lelarrR?si=40y1ZwACTO6t9s8nwVozAA>.

Observa-se algumas diferenças nítidas do álbum analisado anteriormente - Atraente - Choronas (2000) -, que data de 8 anos de intervalo. A começar pelo selo de lançamento escolhido: Som Livre, que surgiu em 1969, fundado pelo produtor musical da Rede Globo de televisão, João Araújo (ABREU, 2019), inicialmente para organizar e comercializar trilhas-sonoras. Fato este que demonstra que o grupo já entra, logo de início, no mercado fonográfico, a partir de um grande selo mainstream, com forte apelo comercial. Segundo Ricardo Abreu, no século XXI acontece também a migração da indústria fonográfica brasileira do universo físico para o digital. Além disso, no Brasil e no mundo estávamos também vivenciando a Terceira Onda do Feminismo, iniciada nos anos 80, período no qual, novas pautas estavam surgindo e é onde as feministas “trazem consigo um caráter pós-modernista e pós-estruturalista, ou seja, têm na essência da luta uma resistência à categorização, ao essencialismo.” (RIBEIRO, NOGUEIRA, MAGALHÃES, 2021, p.10). Importante teórica desta fase do feminismo e até hoje, é Judith Butler, que lança em 1990 o livro “Problemas de Gênero”, problematizando a binariedade e os papéis binários (homem x mulher) na sociedade ocidental. (RIBEIRO, NOGUEIRA, MAGALHÃES, 2021).

A partir disso, podemos refletir que, já neste lançamento, as integrantes do grupo (Corina, Elisa e Lia Meyer Ferreira) questionam qual o lugar e o papel da mulher na música instrumental brasileira, logo na apresentação do trabalho musical de estreia, ao valorizarem-se e sublinharem-se como instrumentistas na capa.

Ou seja, em 2008, a pauta feminista estava em constante avanço e o álbum de estreia do grupo Choro das 3 já se mostra de forma mais posicionada no cenário musical brasileiro. O selo não estava mais vinculado diretamente a nenhuma religião. E na capa, as integrantes já aparecem com instrumentos em mãos - demonstrando agora, uma valorização da musicalidade e de seus papéis como protagonistas neste cenário de música instrumental, conseqüentemente, questionamento à naturalização da sexualização e objetificação da mulher, na sociedade brasileira, e no mercado fonográfico nacional.

Como dito anteriormente, portas e janelas foram mais escancaradas com o surgimento das Choronas. Desta vez, essa nova geração de musicistas, faz questão de se impor, logo no álbum de lançamento, neste universo que reproduz as estruturas opressoras de gênero, sendo tradicionalmente machista e excludente. Fato este, que demonstra já uma mudança comportamental de gerações.

Outro detalhe a nos atentarmos é a cor predominante nesta capa. Amarelo. Esta cor me remete, inicialmente, à luz, sol, vida, elementos estes, presentes na

natureza, que também podem associar-se a uma energia vital, a juventude e a criatividade. Mas também, pensando em cultura, podemos associar ao universo da fotografia, o amarelado da capa à tentativa de reproduzir um envelhecimento da foto das integrantes, como que remetendo à época de surgimento do Choro, 1870, época na qual, aqui no Brasil já se pensava, estudava e utilizava a fotografia analógica:

No Brasil, Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879), um francês radicado na Vila de São Carlos, pesquisou, entre 1832 e 1839, uma forma econômica de impressão, sensibilizada pela luz do sol e sais de prata, método parecido com os que Niépce, Daguerre e Talbot utilizaram na Europa. Ele chegou próximo a uma descoberta batizada de *photographie*, seis anos antes que seu compatriota Daguerre em Paris (OLIVEIRA, 2006, p. 2)

Mesmo o álbum sendo lançado em 2008, com acesso à fotografia digital - que surgiu no final dos anos 1980 (OLIVEIRA, 2006, p.3) -, esta possível tentativa de envelhecimento da capa também demonstra um pouco o sentimento tradicional que este gênero musical carrega e o intuito, possível, de querer trazer junto a esse disco um pouco da aura e espírito do final do século XIX e início do século XX.

Interessante observar que a letra “O” de “Choro das 3” possui um ponto no centro, o que me levou diretamente a pensar na imagem de um disco, vinil, o que remete também a gerações mais velhas que as integrantes do grupo. Além da fonte escolhida, junto das folhagens por trás das palavras também se assemelham a portões antigos construídos de ferro fundido, no qual possuem ornamentos como esses. Ornamentos, que também podem ser interpretados como uma característica musical muito singular do Choro, que também é muito marcante nas interpretações do grupo.

Observando os outros 7 álbuns do grupo que estão na plataforma Spotify, nota-se também que todas as capas são, em sua maioria, simbolizadas pelos instrumentos das integrantes. Além de não utilizarem mais a estética envelhecida da primeira capa. No segundo e terceiro álbum, vide Figura 5, o grupo parte de uma estética de envelhecimento para uma utilização de cores primárias como vermelho, amarelo, azul e verde, simbolizando um espírito mais jovem, rompendo com a estética do primeiro trabalho. Do quarto álbum adiante, vide figuras 5 e 6, observa-se um amadurecimento do grupo, com capas não tão chamativas, com paletas menos vibrantes.



Figura 5: Capas dos álbuns do Choro das 3, de 2012 à 2015⁵⁵

Além de serem sempre muito coloridos, dando um ar mais jovem e criativo para este universo musical, que ainda hoje segue sendo marcado pela presença de pessoas mais velhas. E logo a partir do terceiro álbum (“Boas Novas!”), um novo integrante aparece na capa, o pai das instrumentistas, o músico e pandeirista Eduardo Ferreira.

⁵⁵ Canto superior esquerdo - álbum de 2012 intitulado Escorregando; Canto superior direito - álbum de 2013 intitulado Boas Novas!; Canto inferior esquerdo - álbum de 2014 intitulado Boca de Goiaba; Canto inferior direito - álbum de 2015 intitulado Choro Tree.



Figura 6: Capas dos álbuns do Choro das 3, de 2016 à 2019⁵⁶

Para finalizar este capítulo de iconografias musicais - que nos auxilia um pouco na compreensão das presenças de minorias sociais, de mulheres, pessoas negras e pessoas LGBTQIA+, no ambiente do Choro -, passamos agora da ótica de gênero para raça e sexualidade. Após esta breve análise das capas destes importantes grupos de Choro formados majoritariamente por mulheres, Choronas e Choro das 3, vamos de encontro, analisar o terceiro e último álbum: Pixiverso - Infinito Pixinguinha de Caetano Brasil. Um homem, negro e gay.

Pixiverso - Infinito Pixinguinha - terceiro álbum de Caetano Brasil (2022)

Pixiverso - Infinito Pixinguinha é o terceiro álbum da carreira do clarinetista mineiro Caetano Brasil, e foi lançado neste ano de 2022 de forma independente pela distribuidora nacional Tratore. A capa foi criada pelas mãos do artista visual Renan Torres Vieira, que trabalhou a partir da ilustração, a criação de uma imagem na qual os rostos de Caetano Brasil e Pixinguinha - o homenageado neste trabalho, se fundem, ficando lado a lado, em uma mesma cabeça. As cores predominantes

⁵⁶ Canto superior esquerdo - álbum de 2016 intitulado Impressões; Canto superior direito - álbum de 2017 intitulado 15 anos; Parte inferior - álbum de 2019 intitulado Viajantes.

escolhidas são azul e amarelo, em variadas tonalidades e o símbolo do infinito em vermelho.



Figura 7: Capa do terceiro álbum de Caetano Brasil, Pixiverso, de 2022

É como se Caetano estivesse tentando entrar dentro da cabeça desse grande nome do Choro, ou então Pixinguinha estaria dentro da cabeça de Caetano? Questões como essa fazem sentido quando pensamos o nome, grafado na parte debaixo da capa: “PIXIVERSO” - na qual a letra “R” se encontra invertida horizontalmente. Um trabalho que lida com inversões, versos e universos. Outra possível interpretação é se pensarmos que “Pixiverso” pode ser lido como “Pix-inverso”, e a sílaba “in”, do inglês, “dentro”. Dentro do verso (aqui me refiro a “verso” dentro da literatura, como linha de um poema). Interessante pois uma das faixas - “Naquele Tempo” - tem participação da poeta, cantora e compositora mineira Laura Conceição interpretando uma poesia autoral.

Um símbolo do infinito também está localizado logo acima desta cabeça central, sinalizando a extensão do nome do disco, que não aparece na capa: “Infinito Pixinguinha”. Além disso, a palavra dentro deste nome do álbum, “inverso”, me remete a “invertido”⁵⁷ - termo que era comumente usado aqui no Brasil, na década de 80, quando pessoas iam se referir à uma pessoa que fugisse do padrão de sexualidade heteronormativo, uma pessoa gay ou lésbica, por exemplo.

Podemos então observar que Caetano possui muitas similaridades e

⁵⁷ A medicina oitocentista utilizava o termo “invertidos sexuais” para designar pessoas homossexuais. (SILVA, 2000)

também diferenças com Pixinguinha, universos e inversos. Ambos são homens negros, e tem como instrumentos principais os das famílias dos sopros, das madeiras. Pixinguinha com saxofone e flauta transversal e Caetano Brasil com clarinete e saxofone. Ambos apaixonados pela arte de compor e arranjar. Universos semelhantes. No entanto, há também inversos dentro deste “Pixinverso”. Caetano é um homem assumidamente homossexual, e Pixinguinha provavelmente era heterossexual⁵⁸. Esta capa surge, para mim, como um renascimento do Choro, enquanto gênero musical, e como ele, para sobreviver, se fortalecer em suas raízes, necessita de profundas reflexões sociais, nos campos de raça, gênero, sexualidade e classe. Aqui, Caetano coloca-se ao lado de um dos maiores nomes do Choro e da Música Brasileira, o homem que aprofundou os contracantos, e futuras baixarias dos violões 7 cordas - inicialmente pelas mãos de Dino 7 Cordas⁵⁹, do Grupo Época de Ouro de Jacob do Bandolim. Sendo um homem homossexual, ocupando este espaço com maestria é no mínimo emocionante e muito representativo das mudanças sociais que estamos, pouco a pouco, a partir de diversos movimentos, e avanços nos campos de estudo de gênero e música, construindo no Brasil.

Interessante notar também que a distribuidora escolhida - Tratore - é focada no lançamento de artistas independentes e é uma empresa brasileira em atuação desde 2002⁶⁰.

Caetano ainda tem dois álbuns no Spotify, vide Figura 8. Um de 2015, chamado “Caetano Brasil”, com uma capa toda preta - que inclusive, abre com uma homenagem a Chiquinha Gonzaga, com o tema “Abre Alas” - o que mostra já em seu início, quais as referências, e quem são as personalidades e trajetórias sublinhadas e ressaltadas por ele. E um de 2019 - “Cartografias”, uma capa toda em azul claro, e com uma imagem construída a partir de técnica de colagem, na qual aparece seu rosto de perfil, dentro de uma bússola, com uma espécie de tecido bordado em vermelho e branco, flores e uma torre (elementos provavelmente representando algumas das culturas de países que o compositor traz musicalmente neste trabalho). A imagem também remete a mapas, rotas, caminhos e uma possível conexão com as ancestralidades do compositor.

⁵⁸ Segundo o acervo de Pixinguinha no Instituto Moreira Salles, o músico começou um namoro com a vedete Jandira Aimoré (Albertina Nunes Pereira) em 1926 durante a temporada da revista Tudo Preto, o que resultou mais tarde em um casamento até o final de sua vida e um filho. Disponível em: <https://pixinguinha.com.br/vida/>. Acesso em 14 mai. 2022.

⁵⁹ Segundo Marlos Mateus, as baixarias, como são popularmente chamadas, são contracantos na região grave em contraponto com a melodia principal. (MATEUS, Marlos, 2017)

⁶⁰ Segundo o site da distribuidora, é a única do país a oferecer também produtos físicos. Disponível em: <https://www.tratore.com.br/apresentacao.php>. Acesso em: 14 mai. 2022.

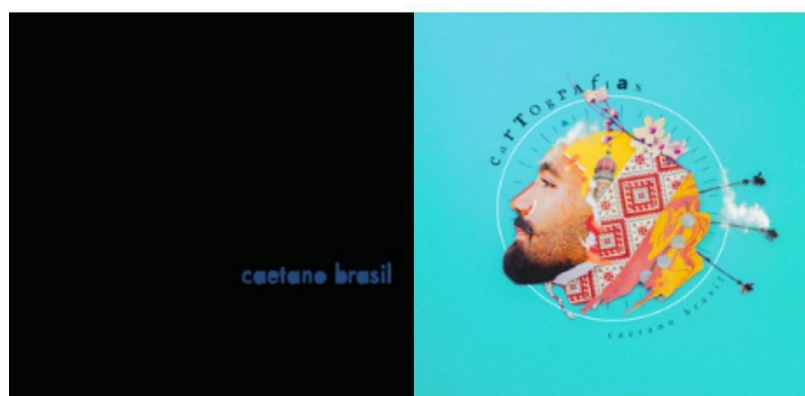


Figura 8: Capas dos primeiros álbuns de Caetano Brasil, de 2015 e 2019

CAPÍTULO 3 – ENTREVISTAS COM NATÁLIA LIVRAMENTO, ROSANA BERGAMASCO, PAOLA PICHERZKY, ANA CLÁUDIA CÉSAR E CAETANO BRASIL

Este último capítulo foi construído a partir de entrevistas com personalidades do Choro, quatro mulheres brancas, uma heterossexual, uma lésbica e duas bissexuais, e um homem negro e gay. Logo de cara, já notamos, nesta seleção, a pouca presença de pessoas negras neste espaço, questão que também abordamos no questionário, de como este espaço de música instrumental, além de ser transpassado e sedimentado por um machismo estrutural, e sendo mais um reprodutor das opressões de gênero nas quais nossa sociedade é construída, também sofre com o racismo estrutural - e constante embranquecimento desta cultura, que é originalmente preta. Basta pensarmos no caso de Chiquinha Gonzaga, que foi interpretada por Gabriela Duarte e Regina Duarte, duas mulheres brancas, em minissérie da Globo, lançada em 1999. E pensando neste embranquecimento, como Lélia González propõe desde a década de 60 do século passado, na segunda onda do feminismo, as pautas e os marcadores sociais são transversais e operam em complemento, de forma interseccional - termo que é utilizado posteriormente por outras autoras do feminismo negro (OLIVEIRA, 2020) -, portanto, este embranquecimento, ferramenta do racismo estrutural vem junto de uma constante elitização também desta música. Este trabalho vem da intenção de questionar, como homem, branco e gay, onde estão essas outras identidades e assim propor, pensar e refletir, coletivamente, estratégias de combate a qualquer tipo de preconceito estrutural neste ambiente do Choro, como machismo, racismo, sexismo, classismo e lgbtfobia, por exemplo.

Após refletirmos inicialmente, no primeiro capítulo, sobre a falta de trabalhos de música e gênero, com levantamento de dados sobre os campos de Música, Gênero, Raça e Sexualidade, trazemos uma breve introdução sobre a construção histórica do Choro, e como ela invisibiliza as trajetórias de mulheres instrumentistas e compositoras, e definirmos e afinarmos os conceitos de gênero e sexualidade a serem trabalhados durante a pesquisa, partimos para análise iconográfica, no capítulo 2, de algumas capas de grupos protagonizados por mulheres, heterossexuais e bissexuais, e um protagonizado por um homem negro e gay. Agora, a partir de entrevistas realizadas por ferramentas como, formulário do google e whatsapp, coletamos informações destas próprias personalidades, Rosana Bergamasco, Ana Cláudia César, Paola Picherzky, Caetano Brasil e Natália

Livramento. Destas, três – (Natalia, Paola e Caetano) foram respondidas por áudio, no whatsapp. As entrevistas de Caetano Brasil e Natália Livramento foram editadas e autorizadas a serem divulgadas em formato de *podcast* pelos entrevistados e se encontram na íntegra no DIVAMUS Podcast⁶¹. Rosana e Ana responderam por escrito, pelo formulário. Todas as pessoas entrevistadas foram questionadas sobre a utilização das respostas na pesquisa, e autorizaram este uso.

A opção de *podcast* foi pensada para que, de alguma forma, esta presente pesquisa pudesse alcançar outros ouvidos, comunicando assim estas inquietações para um público maior, além do público acadêmico. Também é uma forma de produzir conhecimento que visa dar uma devolutiva aos grupos e pessoas colaboradoras com a pesquisa, visibilizando seus trabalhos, construindo pontes mais sólidas entre a academia e uma comunidade musical mais ampla, enfatizando a importância da Música Popular como campo de pesquisa e do campo de Gênero e Sexualidade como urgente para se pensar e fazer Música Popular, hoje.

Metodologicamente optamos por não reproduzir a íntegra das entrevistas porque buscamos a integração das diferentes formas de produzir informação, conhecimento, trazendo variados públicos - não só o acadêmico - para a pesquisa e levando também o público acadêmico para um contato mais direto com instrumentistas de Choro. As entrevistas foram elaboradas inicialmente para mulheres violonistas 7 cordas de Choro, mas no decorrer da escrita e desenvolvimento da pesquisa expandimos para também outras instrumentistas de Choro que tocam instrumentos tidos como de base, e não estritamente solistas, como foi o caso de Ana Cláudia César, cavaquinista e uma das idealizadoras do grupo Choronas. Além de Caetano Brasil, trazendo a perspectiva de uma identidade masculina não muito comum neste universo musical - um homem, negro e gay.

Elaboramos para isso 14 perguntas para buscar compreender um pouco, a partir da perspectiva destas mulheres instrumentistas, como se sentem hoje dentro deste universo musical, como recebem e percebem o machismo estrutural nestes ambientes de se fazer música, majoritariamente masculinos, e quais as soluções que enxergam para que consigamos com que o feminino, o não heteronormativo, as identidades foras do padrão branco, hetero e masculino, se insiram e ocupem seus devidos espaços. Para Caetano, como o formulário era focado para mulheres,

⁶¹ Link para episódio com Caetano Brasil, no podcast DIVAMUS (que é um projeto de extensão vinculado ao Grupo de Pesquisa em Diversidade, Antropologia e Música (Divamus) da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pelo professor Rafael Noletto. Disponível em: <https://encurtador.com.br/NTW01>. Acesso em: 8 jun. 2022. A entrevista de Natália Livramento foi dividida em dois episódios. Parte I: <https://encurtador.com.br/ruQQY> Acesso em 15 jun 2022. Parte II: <https://encurtador.com.br/eoLO7> Acesso em 15 jun 2022.

elaboramos um outro questionário com 10 questões.

Apresento aqui, brevemente, cada uma das pessoas entrevistadas para darmos seguimento às reflexões. Natalia Livramento reside em Florianópolis/SC, tem 32 anos, se identifica como uma mulher, branca, cisgênero e lésbica, e tem o Violão 7 Cordas como seu instrumento principal. Rosana Bergamasco reside em São Paulo/SP, tem 57 anos, se identifica como uma mulher, branca, cisgênero e bissexual, e tem o Violão 7 Cordas como seu instrumento principal. Paola Picherzky reside em São Paulo/SP, tem 55 anos, se identifica como uma mulher, branca, cisgênero e heterossexual, e tem o Violão 7 Cordas como seu instrumento principal. Ana Cláudia César, reside em São Paulo/SP, tem 58 anos, se identifica como uma mulher, branca, cisgênero e bissexual, e tem o Cavaco como seu instrumento principal. E por último, Caetano Brasil, reside em Juíz de Fora/MG, tem 28 anos, se identifica como um homem, negro, cisgênero e homossexual, e tem o Clarinete como seu instrumento principal.

Um ponto a destacar-se, que sublinho aqui foi que as 4 musicistas disseram não se sentir confortáveis em rodas de Choro pelo fato deste espaço ser ocupado majoritariamente por homens e de, na maioria das vezes que frequentam, serem as únicas mulheres. Paola Picherzky diz que enxerga a criação de movimentos organizados e protagonizados por mulheres como uma possível solução para a inserção delas nestes espaços de se fazer música, pois tentar se inserir em uma roda de Choro, que é formada em sua maioria por homens, é ainda um processo mais demorado e não confortável. Inclusive diz não frequentar rodas de Choro. Ana Cláudia César diz ter frequentado no início, quando conheceu e se aproximou do Choro, no bairro de Pinheiros em São Paulo/SP, mas pontua que sempre foi exceção e diz que ser mulher e tocar em uma roda só de homens exige muita coragem. Rosana Bergamasco diz frequentar de vez em quando, segundo ela: “Na maioria das vezes as rodas são formadas majoritariamente de homens brancos que tentam ser generosos, mas percebo que se sentem desconfortáveis com a presença de mulheres em geral, não só nas rodas. Principalmente homens mais velhos de gerações passadas.”. Porém, observou-se através da análise das entrevistas que essa interpretação vem se modificando pelos anos e gerações. Natália Livramento, por exemplo, musicista de gerações mais novas, aos 32 anos, com duas décadas de diferença de Paola, Ana e Rosana, diz frequentar com mais periodicidade há aproximadamente 10, 12 anos, mas também, ainda enxerga as mulheres como minorias nestes espaços. Cita Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, como cidades onde ocorrem, atualmente, movimentos de rodas de Choro

exclusivamente só de e para mulheres, o que enxerga como uma forma muito bonita, importante e potente para se empoderarem: "Acredito que essa tomada das mulheres, os movimentos feministas estão crescendo no Brasil todo e tão cumprindo um papel, assim, maravilhoso; e mostrando que as mulheres sabem tocar Choro e qua as mulheres podem tocar o que quiserem, o Choro é um exemplo disso.". Portanto, observa-se que há um desconforto que é comum entre as quatro entrevistadas, quanto a este ambiente que seria pra ser de confraternização e conforto a todas as pessoas e musicistas presentes. Porém, é só olharmos à volta, quando numa roda, ou então olhar para trás, na história do Choro ou na discografia do gênero, que percebemos o quanto este espaço invisibiliza ainda hoje, identidades que não sejam homens, brancos e heteros. No entanto, é nítida a movimentação e as lentas mas constantes mudanças que estão se espalhando pelos espaços coletivos, consequências ligadas diretamente aos movimentos feministas, negros e LGBTQIA+. Paola também pontua que vê as novas gerações de mulheres ocupando mais estes espaços, o que dá esperança em um futuro com menos violências de gênero.

Ainda sobre este tema, trago aqui uma história que vivenciei, como um músico que frequenta rodas de Choro. Não citarei nomes, nem instrumentos, nem locais para não expor as pessoas envolvidas. O que quero trazer é uma vivência que experienciei para nos atentarmos ao acontecimento em si, que acredito que complemente os depoimentos das musicistas entrevistadas. Uma vez, chegamos eu e mais alguns amigos em uma roda de Choro, já eram mais de 20h, e entre estes meus amigos estava uma amiga, mulher instrumentista, solista. Ok. Chegamos, a roda já estava a todo vapor, e fomos nos introduzindo aos poucos, acompanhando e tocando junto com o pessoal, que não conhecíamos direito, apenas uns dois. Tocamos algumas horas junto com o pessoal. Tinha achado bem legal. Mas depois, conversando com essa minha amiga, ela me relatou que tinha ficado um pouco chateada pois ao se sentar na mesa, no início da Roda, disse que o instrumentista que estava solando, não olhou para ela durante cerca de 2 a 3 músicas, sendo que dentro de uma Roda de Choro há certos códigos de conduta, para que todos possam curtir, de forma a dividir os temas entre os vários solistas da Roda, a partir da troca de olhares e conversas rápidas entre um tema e outro. Um fato, como relatado pelas entrevistadas e que ocorreu é o de que só havia essa minha amiga na Roda, como musicista mulher, o restante, éramos cerca de 7 homens. Ou seja, mesmo que ela tocasse muito, o fato de ser mulher, causou provavelmente um certo desconforto ou insegurança neste outro solista, que simplesmente ignorou-a, não

passando ou dividindo nenhum tema com ela, no início. E segundo essa minha amiga, ela só foi se sentir visibilizada nesta roda, no momento em que puxou o tema de “parabéns pra você”, pois era aniversário de um amigo em comum entre todos da Roda. A partir daí, o instrumentista que estava solando na Roda, veio perguntar se ela não queria dividir um solo com ele? Ou seja, isso explicita mais e materializa o desconforto de se estar numa roda, possuindo uma identidade de gênero como exceção neste espaço, como as entrevistadas relataram nas entrevistas. O fato de não ser homem, já gera desconforto em um espaço majoritariamente masculino. Natalia Livramento percebe também que o ambiente do Choro ainda é muito heteronormativo, e que a sua presença em uma Roda de Choro, tem um impacto como mulher, enquanto uma mulher lésbica, e vê como importante se posicionar e levantar pautas das minorias neste universo musical, que percebe ainda ser muito atrasado em relação a essas discussões.

Segundo Caetano Brasil, as Rodas de Choro, em Juiz de Fora/MG, são também frequentadas em sua maioria por homens, cisgêneros, brancos, mais velhos e heterossexuais. E notando a falta de pessoas como ele, mais novos, meninos gays, pessoas negras e também mais mulheres, foi que idealizou em 2019 o projeto “Mão na Roda” de Roda de Choro Didática. Para Caetano a “oralidade e a presença na roda dificilmente va a ser substituída por outra forma de transmissão do conhecimento”, portanto, este projeto foi uma tentativa de proporcionar um espaço a pessoas que não se sentiam confortáveis de estar em uma Roda de Choro “convencional”, e conseqüentemente, o número de mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ a frequentarem o projeto foi bem grande. A ideia surge também quando Caetano percebe o quanto as pessoas chegavam nas Rodas, mas por não ter um devido preparo, não ter “algo a dizer” (pensando musicalmente, repertório, por exemplo), não voltavam mais. E atribui ao fato dele mesmo ter permanecido frequentando as Rodas quando tinha seus 15 anos, pois tinha anteriormente participado de Oficinas de Choro na qual aprendeu um repertório básico, conseguindo assim chegar nas Rodas e “ter algo a dizer”. Portanto, este projeto tem como pensamento metodológico, proporcionar este aprendizado coletivo a partir da oralidade, que como Caetano bem coloca, não tem substituição. Antes dos encontros ele fez uma seleção de Choros que seriam mais didáticos e de mais rápida e fácil assimilação e nas Rodas Didáticas conta que as pessoas participantes ficam repetindo os temas diversas vezes, conversam sobre a história das/os compositoras/es e dos temas. E assim, aos poucos, foi-se formando mais musicistas de diversas identidades, que aos poucos foram também se inserindo em Rodas que

tinham antigamente a presença homogênea de homens, brancos, cis e héteros.

Depoimentos como estes nos demonstram, de forma mais profunda e a partir de perspectivas que muitas vezes são invisibilizadas dentre as narrativas deste universo, como o machismo estrutural opera nestes espaços. O fato de uma Roda de Choro ser frequentada majoritariamente por homens afasta e torna este ambiente desconfortável para as mulheres, que em sua maioria, ao contrário dos homens - que aprendem esta música muitas vezes na própria Roda de Choro -, tem de aprender por outros caminhos, sozinhas, em casa, ou junto de coletivos menos masculinos, como por exemplo o projeto Mão na Roda de Caetano Brasil e os formados majoritariamente por mulheres, como por exemplo, Choronas, Choro das 3, Abre a Roda Mulheres no Choro, Regional Segura Elas e o mais recente, organizado por Natalia Livramento, Roda de Choro Mulheril, em Florianópolis, SC.

Quando pergunto a elas se tiveram referência de outras mulheres tocando Violão 7 Cordas e Cavaco, são poucas, quando nenhum nome. Ana Cláudia César diz ter tido uma referência, Luciana Rabello, cavaquinista que citamos no primeiro capítulo. Rosana Bergamasco diz não ter tido nenhuma tocando violão 7 cordas. Paola Picherzky diz conhecer hoje outras mulheres que tocam violão 7 cordas, mas na época em que começou a tocar, quando entrou no grupo Choronas, por volta de 1994, diz ter tido só referências masculinas no instrumento. Já Natália Livramento diz ter referência no violão 7 cordas e no violão 6, e ressalta a importância de pensarmos, no ambiente do Choro, a função da violonista, seja de 7 ou de 6, pois o fato de uma mulher estar tocando um instrumento de acompanhamento já é estar em um lugar diferenciado e merece destaque. Cita Samara Líbano, Lia Meyer do Choro das 3 e Fernanda Vasconcelos como referências no violão 7 cordas, de hoje. E no violão 6, cita como sua primeira referência e farol, Rosinha de Valença, e sublinha o fato de quando pensamos em violão brasileiro lembrarmos quase que instantaneamente de Baden Powell, enquanto Rosinha segue sem ser lembrada, apesar de ter sido uma virtuose e marco na música brasileira, com uma imensa discografia registrada. Outras referências que cita são, Ana Paes, Márcia Taborda, Paula Borghi e Jussara Dantas. Importante salientar que, Rosana, Paola e Ana demonstram ter tido poucas, quando nenhuma referência, no momento em que começam a atuar no universo do Choro, e nos últimos anos as mulheres estão tendo em quem se basear, estão tendo mais representatividade dentro deste espaço, o que auxilia na inserção de mais mulheres no Choro. Caetano Brasil cita a seguinte frase: “Você não pode ser aquilo que você não enxerga”, quando questionado sobre quais são suas referências. Uma reflexão que fala muito sobre o

que Paola, Ana, Rosana e Natália responderam. O fato de ter poucas pessoas em quem se espelhar torna mais difícil de se ver neste espaço, por isso a importância de construirmos estratégias para que mais corpos e corpos, mais identidades possam estar dentro do universo do Choro, para que assim mais e mais a Roda vá realmente abrindo, com mais representatividades. Caetano cita Anat Cohen, clarinetista israelita, como uma de suas principais referências e Daniela Spielman, saxofonista do grupo Rabo de Lagartixa. E sublinha o fato de que, Anat, sendo uma mulher, ocupando esse espaço foi um encontro: “[...] na falta de referências LGBTQIA+, a mulher né, que tá já fora desse centro de privilégio foi um encontro muito importante pra mim”. Natalia Livramento também relata que quando começou a tocar Choro em Florianópolis ela conhecia apenas uma mulher, que foi sua grande referência, Fernanda Silveira, cavaquinista. E nesse período, o ambiente ainda era muito intimidador e difícil para as mulheres. Cita a maior referência para ela, na contemporaneidade, Luciana Rabello, cavaquinista. Mais recentemente, cita alguns exemplos de grupos de mulheres: Choro das 3, de São Paulo; Makamo Quinteto, de Recife; Abre a Roda Mulheres no Choro, de Minas Gerais; Choro Prosa, de Brasília; e As Brejeiras, de Curitiba. E como solistas, também, Daniela Spielmann e Anat Cohen. Segundo ela, “a mulherada está mostrando trabalhos de alto nível, isso é incontestável, isso é no Brasil todo”.

Portanto, percebe-se uma curva crescente de trabalhos protagonizados por mulheres. E é claro, quando Ana, Paola e Rosana, respondem que tiveram pouquíssimas referências, e já, Natália Livramento, consegue citar várias mulheres neste espaço, o quanto as estruturas e engrenagens estão se movimentando. De Chiquinha Gonzaga, final do século XIX e início do século XX, até hoje.

Caetano reflete que, pensando que o Choro tem cerca de 150 anos de história e levando em conta toda a abrangência de artistas e regiões que ele engloba, temos ainda pouquíssima representatividade de pessoas não homens, brancas e heterossexuais. Sublinha as identidades trans/travestis como as mais invisibilizadas e lembra de conhecer apenas uma pessoa trans que toca Choro, que é uma amiga sua, a violonista Sara Renhé, também de Juiz de Fora. Sara que inclusive participou do vídeo em comemoração ao mês do orgulho LGBTQIA+ que Caetano fez em seu canal do YouTube, no qual também participei. Como homens gays cita, ele próprio, eu, Bastián Herrera e Evandro Arcanjo. “Mas quem mais?”, questiona. Surge aqui um importante ponto a se refletir. O Choro é um gênero musical, a roda de Choro é um evento popular e democrático, é música, conecta e nos faz mais humanos, sensíveis e empáticos. Mas, segue sendo parte de toda esta

estrutura social que discutimos nesta pesquisa, e reflete portanto as engrenagens da mesma. Apesar de uma música maravilhosa, ela é feita por pessoas, por identidades e subjetividades, e como vemos na história do país, algumas identidades são perseguidas, excluídas, invisibilizadas e marginalizadas, simplesmente por serem quem são. Os marcadores sociais da diferença operam silenciosamente até em espaços de festa e confraternização. O que quero dizer e debater é que não há música pela música, essa visão é inclusive muito elitista e cega, e exclui corpos, pois é como se esta música fosse algo sobrenatural que não é executada por pessoas, com idade, raça, gênero, classe e orientação sexual. Então, a partir destas entrevistas, percebe-se uma inquietação coletiva, que perpassa essas identidades que fogem do padrão branco, cisgênero e heteronormativo. São corpos historicamente invisibilizados e marginalizados. O corpo feminino, o corpo feminilizado, o corpo trans, o corpo negro, entre tantos outros. É importante que façamos do Choro um espaço político e reflexivo, para que possamos permanecer em construção, junto de uma sociedade mais justa e igualitária.

Caetano Brasil, em uma de suas respostas nos dá um relato bem interessante sobre a pouca presença LGBTQIA+ no Choro:

[...] é muito problemático, né, porque, é claro que essas figuras existem [...], mas é pra gente discutir isso, criar um debate público em torno de como pessoas LGBTQIA+ ao longo da história do Choro, a exemplo, como essas vivências foram apagadas. [...] Não dá pra desconectar uma cultura musical de seu ambiente e pensar que o Choro é uma linguagem nascida na segunda metade do século XIX no Brasil, naturalmente, não pela música, né, mas pelas pessoas que fazem essa música, ela vai incorporar comportamentos que são muito masculinos, muito machistas e por isso também, homofóbicos, né. [...] E até no meu ciclo pessoal, o fato de eu ter muitos amigos da música, [...] e eu não tenho amigos gays nesse lugar, porque eu frequento um meio que é da música instrumental, onde os meus não estão presentes né, então eu acho que isso tá passando da hora da gente ampliar essa discussão e ter a oportunidade de fazer essa fala aqui é extremamente importante”

Isso é algo que eu também vivencio. Por estar imerso e ter a música instrumental como minha principal linguagem, e por neste ambiente existir pouquíssimos corpos e identidades como a minha, acaba que minhas relações de amizade são majoritariamente com homens héteros. E é justamente sob este ponto, quando tomamos consciência da falta de representatividade neste espaço que é necessário mexermos nas estruturas, nos questionar, e assim pensar em movimentos e estratégias que visem diminuir as distâncias do Choro com a comunidade negra, LGBTQIA+ e mulheres, hoje.

Sobre a questão LGBTQIA+, Natalia Livramento nota que ainda a Roda de Choro é um ambiente muito heteronormativo e percebe discursos, segundo ela, levianos, muito corrente nestes eventos que é o de que a música une, a música que é importante, desvalidando assim discursos contra opressão de gênero, por exemplo. E também nota que é um debate bem recente dentro do universo do Choro. Conhece poucas pessoas que se colocam e se afirmam, abertamente, como LGBTQIA+. Cita o nome de Caetano Brasil trazendo essa pauta e também Bia Nascimento de Juiz de Fora. Enxerga que a questão da sexualidade é algo ainda a ser muito trabalhado neste universo, mas enxerga que estamos em um momento de virada, e essas questões estão surgindo cada vez mais. Enquanto mulher lésbica, e a maneira de lidar com as opressões, enxerga em se colocar, colocar limites, falar “aqui não!”. E como passo importante, também, é denunciar, dar nome. Isso foi homofobia, misoginia, racismo. Infelizmente vê isso como um caminho para combater e que inicialmente tentou responder de forma mais educativa, mas vê como um melhor caminho para combater, denunciar, explicar e dar nomes às opressões.

Estas afirmações de Natália e Caetano, instrumentistas de gerações mais novas, demonstram falas politizadas e engajadas, o que sugere, talvez, para uma tomada de consciência cada vez maior neste universo de se fazer música, fruto certamente do trabalho das muitas mulheres e pessoas LGBTQIA+, pensadoras/es que encabeçaram e encabeçam os movimentos feministas, negros e LGBTQIA+ no Brasil. Quando questionados sobre a presença de pessoas negras neste espaço, a resposta comum foi “pouquíssima presença”. Natalia Livramento reflete sobre o início do Choro ser preto. Sublinha personalidades como Joaquim Callado, Pixinguinha e Chiquinha Gonzaga, serem musicistas símbolos do gênero e que são negros. Sugere que talvez, o embranquecimento desta música tenha se dado, a partir do momento em que esta música passa a circular por ambientes como gravadoras, majoritariamente brancos. Hoje, nota que lá em Florianópolis, a roda é muito branca. E pensa também, que o imaginário do Choro, de uma música virtuosa e europeia, legitima um discurso racista e excludente neste ambiente, separando inclusive, de outros gêneros paralelos como o Samba e o Pagode. Além disso, analiso também, como um possível fator para o embranquecimento deste gênero, o fato dele estar sendo resgatado hoje, por movimentos geralmente relacionados às universidades públicas, que, infelizmente, tem em sua maioria estudantes brancos. Fato este, que também é urgente de ser debatido, pois como um gênero musical de raízes afro- brasileiras é

tocado, hoje, em sua maioria por pessoas brancas?

Natalia Livramento pontua também que, no Choro, hoje, avalia que as mulheres estão abrindo caminhos de visibilidade e representatividade, um momento de se colocar, se afirmar e mostrar qualidade e que agora é andar para frente, não tem mais volta. Assim, o ambiente do Choro vai se tornando cada vez mais inclusivo. E que as questões de raça, sexualidade e gênero estão emergindo e são necessárias, pois não há como dissociar estes marcadores sociais desta música. Segundo as pesquisadoras Júlia de Cunto e Maria Bogado, em artigo publicado no ano de 2018 para o livro *Explosão Feminista*, coletivos e iniciativas de e para mulheres estão cada vez mais sendo produzidas e reproduzidas:

“Uma série inumerável de iniciativas finca o pé das feministas na música. Residências artísticas, festivais, blogs e selos promovem e difundem essa produção. Para citar alguns exemplos esparsos, temos o Zona LAMM - Laboratório de Artes Musicais para Mulheres, residência artística para mulheres latino-americanas. Surgiram muitos festivais femininos, como NosOutras em Porto Alegre; Letra de Mulher, em Salvador; Mulheres no Volante, em Minas Gerais; e Sonora: Ciclo Internacional de Compositoras, este em decorrência da força da publicação da hashtag #mulherescriando, lançada nas redes sociais pela compositora mineira Deh Mussulini. Teve início também o festival Sêla, em São Paulo, que é o pontapé inicial de uma articulação para a formação de um selo. Destaca-se o evento Empoderadas do Samba, que debate a presença de mulheres no samba, além de dar visibilidade às crescentes rodas compostas integralmente por mulheres. Entre os blogs e as páginas em redes sociais, temos Quase Todo Dia Uma Banda de Mina Diferente, o WANWTB (We Are Not with the Band), Vozes Femininas, Cabeça Tédio Blog, além do Filhas do Fogo - uma das principais fontes para este capítulo -, entre muitos outros que se proliferam em uma velocidade arrebatadora” (CUNTO, BOGADO, 2018, p. 25-26

Para finalizar este capítulo, gostaria de agradecer a contribuição destas cinco personalidades. Ter a presença de quatro mulheres e um homem gay, do Choro, musicistas que muito admiro e tenho como referência, disponíveis para dialogar e somar com esta pesquisa é engrandecedor. E por final, convidar a todas as pessoas leitoras desta pesquisa, para irem ao encontro com as falas e entrevistas na íntegra de Caetano Brasil e Natália Livramento, e poderem se alimentar de falas engajadas, urgentes e necessárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente gostaria de agradecer a você, que me acompanhou até aqui neste trabalho que muito me movimentou internamente. Busquei escrever e produzir com muita atenção, me atentando para o máximo de detalhes e referências, de modo a conseguir englobar todas essas temáticas de maneira que comunicasse com as pessoas leitoras. Em segundo lugar, espero que, de alguma maneira, este Trabalho de Conclusão de Curso possa também ter te movimentado, e assim, possamos levar adiante esta discussão que é urgente e necessária, de forma coletiva, colaborativa e pública.

Esta pesquisa, como relato durante todo o texto, vem desta inquietação individual, mas que é coletiva e ancestral, de buscar fontes que me apontassem pistas para descobrir o porquê de termos pouquíssima presença de pessoas que não heterossexuais, brancas, cisgêneras e homens, nos espaços de se fazer música instrumental brasileira, mais especificamente no gênero musical Choro. Durante todo o processo de escrita, e a cada momento que jogava luz em questões que ainda não são tão debatidas publicamente, fui percebendo universos e mais universos, a partir de fissuras da nossa história da música brasileira, escrita em sua maioria por homens, brancos e heterossexuais, que, portanto, acabam inviabilizando, em sua raiz, outras identidades e vivências. A partir de cada leitura, e do levantamento de pesquisas recentes em gênero, raça, sexualidade e música, pude notar o quanto ainda precisamos nos aprofundar em discussões, que relacionem o campo da Música com campos de Gênero, Raça e Sexualidade. Aprofundar no sentido de nos conscientizarmos historicamente, socialmente e culturalmente, nos reconhecermos para conhecermos e respeitarmos o outro e assim construirmos e reconstruirmos espaços de maneira que não excluam nem marginalizem pessoas que não brancas, masculinas, héteros e cisgêneras, por exemplo.

Precisamos que a música, mais particularmente falando, a música instrumental brasileira se politize e se coloque como um espaço de produção artística plural e diverso, e para isso, após esta presente pesquisa, percebo ainda uma falta de engajamento social de nós como musicistas. É necessário que discutamos raça, gênero e sexualidade, que entendamos como as opressões sociais funcionam e se articulam na sociedade para podermos então, mudar essa realidade do Choro, que ainda em 2022, segue sendo majoritariamente masculina,

hétero, cis e branca, tanto em seu corpo de pessoas que produzem e reproduzem este gênero musical hoje, como nas personalidades que são lembradas e reproduzidas em rodas de Choro, por exemplo.

Após o levantamento de dados, também observo e ressalto aqui, a urgência de fazermos da área de conhecimento da Música, um campo que se torne referência também para pensarmos, além do papel artístico e cultural, o caráter social e histórico que nossa arte proporciona e produz. É necessário também que fortaleçamos a música como ciência, produzindo epistemologias musicais transformadoras. Os resultados do levantamento nos mostram que estamos em emergência, em relação a produção de pesquisas que relacionem os campos de Música, Gênero, Raça e Sexualidade, mas ainda uma produção muito pequena, comparada a outros campos da ciência. Segundo o pesquisador Rafael Noletto:

“É necessário que nós, etno/musicólogos, olhemos internamente para a Música, suas técnicas composicionais, instrumentais e vocais, suas formas de organização e notação musical e, finalmente, seus procedimentos performáticos a fim de avaliarmos o que todo esse conhecimento técnico pode nos fornecer como insumos para uma virada epistemológica na qual a Música seja propositiva em termos de conhecimento conceitual. Ou seja, pensar em Música como ciência é repensar seu potencial epistemológico para realizar a passagem da música como técnica para a música como epistemologia, questionando os pressupostos hierárquicos da produção do conhecimento interdisciplinar. Assim revelaremos o caráter propriamente científico da Música num movimento epistêmico que visa musicalizar a Ciência” (NOLETO, 2020, p. 17)

Além disso, concluo também, por meio do diálogo com as pessoas entrevistadas, que nós homens, que frequentam o universo do Choro, precisamos tomar consciência com relação ao nosso papel de pensar gênero, raça e sexualidade, para não reproduzirmos opressões estruturais e institucionais, como o machismo, racismo e a lgbtfobia – inclusive a importância de sermos “anti” essas estruturas marginalizantes. Paralelamente à essa urgente tomada de consciência, por nós homens, percebo o quão importante é a formação de coletivos de/para mulheres no Choro, para a inserção de mais mulheres nesse ambiente musical, como já vem acontecendo em algumas cidades do país, como por exemplo em Minas Gerais, com o coletivo “Abre a Roda - Mulheres no Choro” e projetos formados e protagonizados por mulheres, como os citados pelas entrevistadas no capítulo 3. E sempre bom lembrar, que lugar de mulher é onde ela quiser. Lugar de pessoas LGBTQIA+ é onde elas quiserem. Lugar de pessoas negras é onde elas quiserem.

Em artigo escrito pela musicista e pesquisadora Beatriz Rodrigues

Nascimento, “A mulher à margem do Choro”, no qual ela utiliza de entrevista com uma mulher musicista que frequenta rodas de Choro em Juiz de Fora/MG como metodologia, junto também de uma contextualização histórica do Choro e da música no Brasil, ela conclui que: “o machismo estrutural, que está estruturalmente entranhado na sociedade e acompanha as mulheres em todos os âmbitos de sua vida, influencia também— como não poderia deixar de ser — nas rodas de choro”. (NASCIMENTO, 2020, p. 11).

Além disso, gostaria de acrescentar que, de uma maneira interseccional, os marcadores sociais da diferença, todos construídos e estruturantes da nossa sociedade brasileira, articulam-se transpassando identidades e agindo, marginalizando e invisibilizando corpos, inclusive dentro destes espaços de se fazer música instrumental brasileira, a Roda de Choro. Portanto, é necessário nos atentarmos para isso, e promovermos mudanças práticas. A luta tem de ser unificada. Espero que essa pesquisa de TCC possa contribuir com a discussão de Música, Gênero, Raça e Sexualidade no Brasil, que vem crescendo, felizmente, ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ricardo Almeida de. **A consolidação da Som Livre como empresa líder da indústria da Música Brasileira a partir de sua adaptação frente às transformações digitais pós 2000**. 2019. Dissertação de Mestrado (Gestão de Economia Criativa) - Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível

em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8769253. Acesso em: 15 abr. 2022.

AMATO, Rita. Funções, representações e valorações do piano no Brasil: um itinerário sócio-histórico. **Revista do Conservatório de Música UFPel**, Pelotas, n. 1, p. 166- 194, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/view/2439>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ARAGÃO, Pedro. Gravações mecânicas no Brasil e em Portugal (1900-1927): entre indústria fonográfica, soundscapes e arquivos etnográficos. **Per Musi**, Belo Horizonte: UFMG, p. 1-17, 2017.

Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/download/5167/3209/16143>.

Acesso em: 13 mai. 2022.

ARANHA, Carmen S. G.; LEITE, Edson Roberto; RODOLFO, Guilherme W. (org.). Iconografia Musical: a tradição das imagens. **MusicArte, Campo dos Sentidos**, São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, p. 55-71, 2017. Disponível em:

http://www.pgeha2.webhostusp.sti.usp.br/livros/MusicArte_campo_dos_sentidos_org_Carmen-Aranha_Edson-Leite_Guilherme-Rodolfo_MAC_USP_2017.pdf.

Acesso em: 9 mai. 2022.

BARROS, Ana Paula Oliveira. A garota Pin-Up: objetificação e sexualização da mulher na contemporaneidade. **VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. O**

corpo feminino como objeto de desejo e espetacularização: dos processos de erotização da infância à violência contra mulheres e meninas, Rio Grande: FURG, p. 1-7, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/335.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2022.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 4ª edição, p. 1-309, 1970.

BERTHO, Renan Moretti. Interação e coletividade: apontamentos etnográficos sobre uma roda de choro. **Revista Orfeu**, vol. 4, núm. 1, 2019. Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/147/147769002/147769002.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 42, p. 249–274, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122>. Acesso em: 11 abr. 2022.

CANTOS SAVELLI GOMES, Rodrigo. O Grupo Chiquinha Gonzaga e a composição "Atraente": narrativas biográficas. **Revista Música**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 132-148, 2019.157732. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/157732>. Acesso em: 17 abr. 2022.

CASTAGNA, Paulo. A Musicologia Enquanto Método Científico. **Revista do Conservatório de Música UFPel**, Pelotas, n.1, p. 7-31, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/view/2430>. Acesso em: 10 mai. 2022.

CAZES, Henrique. Choro – do quintal ao Municipal. São Paulo: Editora 34, 2021. 232 p. (Coleção Todos os Cantos). ISBN 978-85-7326-105-6.

AMORIM, Elba Ravane A. GONÇALVES, Rosineide. GRANVILLE, Roberta. (org.) CHAVES, Aline. GUERRA, Emilly. BASTOS, Letícia. Os reflexos do machismo

estrutural na política contemporânea. **Anais do Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento à Violência Contra à Mulher - Elma Novaes (NUGEN) - I Seminário do NUGEN – VII Semana da Mulher da ASCES UNITA, Caruaru, p. 23-25, NUGEN, 2019. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/1962>. Acesso em: 27 abr. 2022.**

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca (org.). **Gênero, uma perspectiva global: Compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo.** São Paulo: nVersos, 2015. ISBN 978-85-8444-063-4.

CUNHA, Diogo Machado da. DINIZ, André. **A República cantada: Do choro ao funk, a história do Brasil através da música.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014. ISBN 978-85-378- 1275-4.

FREITAS, Leidiana da Silva Lima Freitas. LOPES, Maria Suely de Oliveira. Um relato de si: a trajetória de Carolina Maria de Jesus através dos diários. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, n. 1, p. 1 - 19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/245252>. Acesso em: 07 jun. 2022.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) CUNTO, Julia de; BOGADO, Maria. Na Música. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. ISBN 978-85-359-3179-2.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) SILVA, Cidinha. De onde viemos - aproximações de uma memória. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. ISBN 978-85-359-3179-2.

JUNIOR, José de Almeida Amaral. Mulheres no Choro: a participação feminina à época dos 100 anos do gênero. **Revista Lumen**, v. 5, no 9, p. 7-31, 2020. ISSN: 2447-8717. Disponível em: <http://www.periodicos.unifai.edu.br/index.php/lumen/article/view/150>. Acesso em: 29 abr. 2022.

MATEUS, Marlos. O comportamento interpretativo do violonista Dino Sete Cordas (1918-2006) em diferentes contextos de atuação no choro. Master pela Universidad de Valladolid. Facultad de Filosofía y Letras. 2017.

Disponível em: <http://uvadoc.uva.es/handle/10324/25274>.
Acesso em: 18 mar. 2023.

MATOS, Cláudia Neiva de. Sofrer e sorrir – cantar: os sambas de Bide e Marçal. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 70, p. 21-43, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i70p21-43. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/149631>. Acesso em: 30 mai. 2022.

MUSTAFÉ, Gustavo. VELLOSO, Rafael. Acervo Digital do Choro de Pelotas: uma construção coletiva e afetiva. **XXXI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, João Pessoa, ANPPOM**. 2021.

Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/775/459>. Acesso em: 15 fev. 2022.

NASCIMENTO, Beatriz Rodrigues. A Mulher à Margem do Choro. XII Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical - **ABEM**, 2020.

Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/RegSd2020/sudeste/paper/viewFile/599/418>. Acesso em: 8 jun. 2022.

NOGUEIRA, Isabel Porto. FONSECA, Susan Campos. (org) DOMENICI, Catarina Leite. A performance musical e o gênero feminino. **Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas**. Goiânia/Porto Alegre : ANPPOM, 2013. p. 89-

109. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/164409/000988213.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 mai. 2022.

NOLETO, Rafael da Silva. Música como ciência, ciência como música: provocações epistemológicas. **Opus**, v. 26 n. 3, p. 1-22, 2020. <http://dx.doi.org/10.20504/opus2020c2619>. Disponível em:

<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020c2619>.

Acesso em: 2 jun. 2022.

NOLETO, Rafael da Silva. Pandemia de lives: sobre Covid-19 e música no Brasil. In: Miriam Pillar Grossi; Rodrigo Toniol. (Org.). **Cientistas sociais e o Coronavírus**. 1ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 401-404. Disponível em:

<http://anpocs.org/index.php/ciencias-sociais/destaques/2458-livro-cientistas-sociais-e-o-coronavirus-ebook-download-gratuito>. Acesso em: 12 mai. 2022.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil. **Revista Intertérios**, Pernambuco, v.6, n.10, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/intertorios/article/view/244895>. Acesso em: 20 mai. 2022.

OLIVEIRA, Erivam Moraes de. Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**. 2006. ISSN: 1646-3137. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2022.

PEREIRA, Marcus. “Mão na Roda”: uma roda de choro didática. **OPUS - Revista eletrônica da ANPPOM**, v. 25, n.2, p. 93-121, UFJF, 2019. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2019b2505>.

Acesso em: 23 mai. 2022.

PINTO, Alexandre Gonçalves. O Chôro. Reminiscências dos chorões antigos. Rio de Janeiro, 1936.

REIS, Toni (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. ISBN: 978-85-66278-11-8. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

RIBEIRO, Alexandra. ARAÚJO, Rebeca. ZECHLINSKI, Beatriz. Rosa: as Representações de Gênero na Composição de Pixinguinha. **Revista de História**, v.

11, p. 91-100, PUC Goiás, 2018. Disponível em: http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/6274/pdf_1. Acesso em: 3 mai. 2022.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara Isabel. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, p. 57-76, 2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/136148>. Acesso em: 11 abr. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2018. ISBN 978-85-359-3113-6.

SARDENBERG, Cecília. De Sangrias, Tabus e Poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n. 2, p. 314-344, UFSC, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16215/19709>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Prefácio. In: Luis Felipe Kojima Hirano, Maurício Acuña; Bernardo Fonseca Machado (Org.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. p. 258 (Coleção Diferenças). Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1249/o/marcadores_sociais_das_diferencas.pdf. Acesso em: 27 jun. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001. ISBN 978-85-7402-371-5

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, set. 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v20n3/v20n3a03.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SILVEIRA, Ana Paula. Relatório do Projeto de Pesquisa: “Avendano Júnior: A tradição do Choro em Pelotas”. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 1, n. 2, p. 137-146,

2004. ISSN 1806 - 9118. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/816/822>. Acesso em: 1 mar. 2022.

TOFFANO, Jaci. **As pianistas dos anos 1920 e a geração jet-lag**. Brasília: Ed. UnB, 2007. 1ª edição. ISBN 978-85-230-1000-3.

UNIÃO BRASILEIRA DOS COMPOSITORES - UBC. EISENLOHR, Elisa (coord.). **Por elas que fazem a música** - relatório, 2018. Disponível em:
http://www.ubc.org.br/anexos/publicacoes/arquivos_noticias/porelasquefazemamusi ca2018.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

VALENTE, Paula Veneziano. **Transformações do choro no século XXI: estruturas, performances e improvisação**. 2014. Tese de Doutorado (ECA/USP) - Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2014. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1232976. Acesso em: 2 fev. 2022.

VANGELISTA, Laídia da Silva. **Aprendizados desenvolvidos na roda de choro da UFC – Sobral**. 77f. Monografia (Graduação em Música - Licenciatura) - Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52271>. Acesso em: 10 fev. 2022.

VASCONCELOS, Ary. **Panorama da música popular brasileira na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Livraria Santanna, 1977.

VELLOSO, Rafael H. S.; Maia, Leandro Ernesto. **Núcleo de Música Popular da UFPEL: Uma proposta de integração entre pesquisa, ensino e extensão em cooperação com a comunidade de Pelotas**. In: org. Francisca Ferreira Miche- Ion, Ana da Rosa Bandeira.. (Org.). A extensão universitária nos 50 anos da Universidade Federal de Pelotas [recurso eletrônico]. 1ed.Pelotas: Rafael H, 2020, v. 1, p. 193-207. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5671>. Acesso em: 19 mar. 2023.

VIANA, Luciana Alves. **Do regional ao Choro elétrico: convenções, redes e**

identidade no trabalho musical dos chorões. 2011. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Sociologia da FCHF) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/1620/1/LUCIANA%20ALVES%20VIANA.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2022.

ZERBINATI, Camila. NOGUEIRA, Isabel. PEDRO, Joana Maria. A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais. **Descentrada**, v.2, n.1, p. 1-18, 2018. ISSN 2545-7284. Disponível em: <https://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/download/DESe034/9216/20632>. Acesso em: 2 mar. 2022.

ANEXOS

TABELAS com Teses e Dissertações da CAPES

"gênero" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero e poder na jurema sagrada	ROSA, Laila Andresa Cavalcante	2009	Tese	UFBA	-	"sexualidade" e "raça"
CHIQUINHA GONZAGA E O MAXIXE	MARCILIO, Carla Crevelanti	2009	Dissertação	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	X	-
Compositoras brasileiras e o processo de criação musical: uma análise aplicada à musicologia de gênero	MOITEIRO, Rita de Cassia	2015	Dissertação	Universidade de São Paulo	-	"mulher"
POPPEA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA ÓPERA DE CLAUDIO MONTEVERDI. Construção da personagem.	YOKOHAMA, Liana Campos Negreiros	2015	Dissertação	Universidade Federal do Paraná	X	-
SEPT PAILLONS, DE KAIJA SAARIAHO: ANÁLISE MUSICAL E ASPECTOS DA PERFORMANCE	ZERBINATTI, Camila Duraes	2015	Dissertação	Universidade do Estado de Santa Catarina	X	-
E O QUE A MÚSICA TEM A VER COM ISSO? DIÁLOGOS SOBRE MÚSICA E IDENTIDADES DE GÊNERO NA ESCOLA.	MENDONCA, Barbara Macedo	2016	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	"sexualidade"
A DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DE LICENCIANDOS/AS EM MÚSICA	SIEDLECKI, Vivian Regina	2016	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	-	"sexualidade"

Tabela 1: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores gênero e música

MÚSICA E SEXUALIDADE: AS PRÁTICAS MUSICAIS NA CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA DO DESEJO	PADULA, Giovanni Figueiredo	2016	Tese	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	"sexualidade"
MEMÓRIAS COMPOSTAS: NARRATIVAS DE CANTORAS-COMpositoras NO RIO DE JANEIRO	LACERDA, Luísa Damaceno De	2017	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	"mulher"
MESTRAS DA CULTURA POPULAR EM BELÉM-PA: NARRATIVAS DE VIDA, ATIVISMOS CULTURAIS E PROTAGONISMOS MUSICAIS	LAGO, Jorgete Maria Portal	2017	Tese	Universidade Federal da Bahia	-	"raça"
Ópera e Gênero: personagens em travesti em uma nova perspectiva	FRANCESCONI, Luíza Helena Kraemer	2018	Dissertação	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Sede)	-	-
Dez estudos vocalizados de Carmen Vasconcellos: contexto histórico, análise, edição e performance.	RENNO, Carolina Fernanda Estevam	2018	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	-	-
Se a obra é a soma das penas: um estudo feminista sobre as cantoras da Vanguarda Paulista	MOTTA, Luísa Nemesio Toller	2018	Dissertação	Universidade de São Paulo	-	-
A, B, C, D do Samba: Construção da identidade vocal no samba – papel das cantoras Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes e Dona Ivone Lara.	RECHETNICO U, Miriam Marques	2018	Dissertação	Universidade de Brasília	-	-
FUNK CARIOCA, POLÍTICA, GÊNERO E ANCESTRALIDADE NO SARAU DIVERGENTE: UMA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPATIVA	MENDONCA, Pedro Macedo	2018	Tese	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	-

Tabela 1.1: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores gênero e música (continuação)

"ELA CANTA QUE NEM NEGRA": CONSTRUÇÕES DE GÊNERO RACIALIZAÇÃO NA PRÁTICA DO BLUES EM CAXIAS DO SUL	DELAZZERI, Paola Menegat	2018	Dissertação	Universidade do Estado de Santa Catarina	-	"raça"
Mulheres que criam com vozes	ALVES, Sarah Alencar	2019	Dissertação	Universidade de São Paulo	-	-
Não se nasce professora, torna-se professora: um estudo sobre gênero e diversidade sexual no desenvolvimento profissional docente de duas professoras universitárias de violoncelo	MOTA, Yanaeh Vasconcelos	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	-	"lgbt" e "mulher"
Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica	WENNING, Gabriela Garbini	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	-	"sexualidade"
DRAMA QUE ENTRETECE A ESTÉTICA DE FEMINILIDADE NEGRA: a representação da mulher negra na ópera Lídia de Oxum	PIRES, Antonilde Rosa	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	"mulher" e "raça"
FANNY HENSEL, COMPOSITORA ALEMÃ DO ROMANTISMO: QUESTÕES DE RELIGIÃO, BILDUNG, GÊNERO E A "CANTATA APÓS A CESSAÇÃO DA CÓLERA EM BERLIM, EM 1831	MONTEIRO, Brigitta Grundig	2020	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	X	-
MÚSICA (IN) VISÍVEL: PESSOAS E SONORIDADES EXCLUÍDAS	FILHO, Juracy do Amor Cardoso	2020	Tese	Universidade Federal da Bahia	-	"raça"
Em que gênero eu canto? A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros	CALDEIRA, Bruno	2021	Dissertação	Universidade Federal de Uberlândia	-	-

Tabela 1.2: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores gênero e música (continuação)

QUESTÕES DE GÊNERO NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: uma abordagem para a educação musical	TROPE, Vitor de Lima	2021	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	"lgbt" e "sexualidade"
Performances da branquitude – O quê é que a baiana tem feito no Axé?	CARVALHO, Mariana Marina Santos De	2021	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	-	"mulher"
"NÓS QUE FAZEMOS O REGGAE SOMOS ABANDONADAS PELO SISTEMA...": MULHERES NEGRAS QUE FAZEM O REGGAE EM SALVADOR/BA	JESUS, Bruna dos Santos De	2021	Dissertação	Universidade Federal da Bahia	-	"raça"
"PROFESSORA, TOCA AQUELA!": funk, afrocultura e diáspora africana nas aulas de música na Escola Básica	DONATO, Priscilla Hygino Rodrigues da Silva	2021	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	-
BABY CONSUELO (SIM, POR QUE NÃO?) E SUA PARTICIPAÇÃO NO ROCK DURANTE A DÉCADA DE 1970	TROTTA, Nathalia Andriao	2021	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	-
"O BELLO SEXO": UMA ABORDAGEM ETNOMUSICOLÓGICA SOBRE AS PRÁTICAS MUSICAIS DE MULHERES INTÉRPRETES VIOLONISTAS NO BRASIL ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1960	LUCA, Maria Fetzer	2022	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	X	-
comentário						
Ao pesquisar a palavra "gênero" na plataforma CAPES, apareceram 73.384 resultados, sendo destes, 220 relacionados a área de conhecimento da Música. Após analisar um à um, notei que muitos trabalhos ali presentes não tinham nada a ver com "gênero e sexualidade" mas sim a "gênero musical", então fui peneirando e filtrando, e após uma seleção consegui juntar na tabela acima 29 pesquisas, dentre Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, que se relacionassem com a área de "gênero, raça e sexualidade". E dentre essa seleção de 29 pesquisas, apenas 5 são relacionadas com a música instrumental, e dessas apenas duas ao universo da Música Popular						

Tabela 1.3: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores gênero e música (continuação)

"lgbt" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
Não se nasce professora, torna-se professora: um estudo sobre gênero e diversidade sexual no desenvolvimento profissional docente de duas professoras universitárias de violoncelo	MOTA, Yanaeh Vasconcelos	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	-	"gênero" e "mulher"
QUESTÕES DE GÊNERO NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: uma abordagem para a educação musical	TROPE, Vitor de Lima	2021	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	"gênero" e "sexualidade"
comentário						
Ao pesquisar a palavra "lgbt" na plataforma CAPES, apareceram 907 resultados, sendo destes, 2 relacionados a área de conhecimento da Música. Não relacionado a música instrumental.						
"homem gay" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
-	-	-	-	-	-	-
comentário						
7 resultados, nenhum relacionado a musica						
"gay" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
-	-	-	-	-	-	-

Tabela 2: Tabelas de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “lgbt” e “música”; “homem gay” e “música”; e “gay” e “música”.

comentário						
1721 resultados, nenhum relacionado a musica						
"homossexualidade" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
TODA CANÇÃO DE LIBERDADE VEM DO CÂRCERE: HOMOFOBIA, MISOGINIA E RACISMO NA RECEPÇÃO DA OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE	VERGARA, Jorge Israel Ortiz	2018	Tese	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	"raça"
comentário						
1093 resultados, sendo apenas 1 relacionado a musica						
"transexualidade" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
-	-	-	-	-	-	-
comentário						
376 resultados, nenhum relacionado a música						
"lésbica" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
-	-	-	-	-	-	-
comentário						

Tabela 3: Tabelas de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “homossexualidade” e “música”; “transexualidade” e “música”; e “lésbica” e “música”.

208 resultados, nenhum relacionado a música						
"sexualidade" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
Canto em Qualquer Canto: o fenômeno performático de Ney Matogrosso.	BAHIA, Sergio Gaia	2008	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa	-	-
As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero e poder na jurema sagrada	ROSA, Laila Andresa Cavalcante	2009	Tese	UFBA	-	"raça" e "gênero"
"TUDO NOSSO, NADA DELES": A IMPORTÂNCIA DO PAGO DE BAIANO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MUSICAL DE CRIANÇAS NO ENGENHO VELHO DE BROTAS - SALVADOR	LOPES, Aaron Roberto de Mello	2015	Tese	Universidade Federal da Bahia	-	-
MÚSICA E SEXUALIDADE: AS PRÁTICAS MUSICAIS NA CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA DO DESEJO	PADULA, Giovanni Figueiredo	2016	Tese	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	"gênero"
A DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DE LICENCIANDOS/AS EM MÚSICA	SIEDLECKI, Vivian Regina	2016	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	-	"gênero"
A hierarquia como método: uma etnografia da produção da música de concerto	LIMA, Hudson Claudio Neres	2016	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	X	-

Tabela 4: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores “sexualidade” e “música”.

E O QUE A MÚSICA TEM A VER COM ISSO? DIÁLOGOS SOBRE MÚSICA E IDENTIDADES DE GÊNERO NA ESCOLA.	MENDONCA, Barbara Macedo	2016	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	"gênero"
Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica	WENNING, Gabriela Garbini	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	-	"gênero"
QUESTÕES DE GÊNERO NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: uma abordagem para a educação musical	TROPE, Vitor de Lima	2021	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	"gênero" e "lgbt"
comentário						
Aqui tivemos inicialmente 8.833 resultados, sendes destes, apenas 9 relacionados ao campo da música. Das pesquisa encontradas, 6 tinham sido já listadas na tabela de "gênero" e 3 novas foram descobertas com o descritor "sexualidade". Destas, apenas 1 relacionada a música instrumental.						
"mulher" na área conhecimento "música" - 22-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
Clara Schumann: compositora x mulher compositor	MONTEIRO, Eliana Maria de Almeida	2008	Dissertação	Universidade de São Paulo	X	-
Música em revista - Rio de Janeiro (1900-1920).	FRYDMAN, Claudio	2008	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	-
Atuação feminina no cenário musical do Rio de Janeiro (1890-1910)	SOUZA, Aline Santos da Paz de	2013	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	-
MÚSICA E MÚSICOS NA CONFEITARIA COLOMBO (RIO DE JANEIRO, 1894-1930): Um estudo histórico-cultural	ASSIS, Milena Cardoso	2014	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	-

Tabela 5: Tabelas de Teses e Dissertações da CAPES, que relacionam os descritores “sexualidade” e “música”; e “mulher” e “música”.

Compositoras brasileiras e o processo de criação musical: uma análise aplicada à musicologia de gênero	MOITEIRO, Rita de Cassia	2015	Dissertação	Universidade de São Paulo	-	"gênero"
A performance musical de Pinto do Acordeon	GAMA, Juedson Fernandes	2015	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa	X	-
Reflexões sobre composição e improvisação na atuação de Léa Freire	DUARTE, Mariana Marcela de Santana	2017	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa	X	-
O CORO SANTA CECÍLIA, UMA ANÁLISE DOCUMENTAL. O PAPEL DA MULHER COMO EDUCADORA MUSICAL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX EM SÃO JOÃO DA BOA VISTA	TRAMONTE, Marcella	2017	Dissertação	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Sede)	-	-
MEMÓRIAS COMPOSTAS: NARRATIVAS DE CANTORAS: COMPOSITORAS NO RIO DE JANEIRO	LACERDA, Luisa Damaceno De	2017	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	"gênero"
EDIÇÃO E CATÁLOGO COMENTADO DAS OBRAS NÃO PUBLICADAS DA COMPOSITORA ADELAIDE PEREIRA DA SILVA	SILVA, Valdemir Aparecido da	2018	Dissertação	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Sede)	-	-
Mulheres Brasileiras na Música Experimental: uma perspectiva feminista	NEIVA, Tania Mello	2018	Tese	Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa	X	-
DRAMA QUE ENTRETECE A ESTÉTICA DE FEMINILIDADE NEGRA: a representação da mulher negra na ópera Lídia de Oxum	PIRES, Antonilde Rosa	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	"gênero" e "raça"

Tabela 5.1: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores “mulher” e “música” (continuação).

Mulheres Percussionistas na Cidade de João Pessoa/PB: um estudo do grupo "As Calungas"	GARCIA, Elizangela dos Santos	2019	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa	X	-
O trinômio texto-som-imagem na performance de Elis Regina das canções Black is Beautiful (1970), Onze Fitas (1979), e Essa Mulher (1979).	MELLO, Daniele Naiara Perotti	2019	Tese	Universidade Federal de Minas Gerais	-	-
Não se nasce professora, torna-se professora: um estudo sobre gênero e diversidade sexual no desenvolvimento profissional docente de duas professoras universitárias de violoncelo	MOTA, Yanaeh Vasconcelos	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	-	"lgbt" e "gênero"
Performances da branquitude – O quê é que a baiana tem feito no Axé?	CARVALHO, Mariana Marina Santos De	2021	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	-	"gênero"
KSENI – A ESTRANGEIRA, DE JOCY DE OLIVEIRA	SOUZA, Valeria Gomes de	2021	Tese	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	-
A TRAJETÓRIA DA COMPOSITORA LYCIA DE BIASE BIDART (1910-1991)	GARCIA, Nicole Manzoni	2021	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	X	-
NOVAS MÚSICAS DADAS DE MIMO A O S A S S I N A N T E S : v a l s a s , periódicos oitocentistas e a prática musical feminina nos salões do Rio de Janeiro (1849-1878)	MORAES, Sabrina Lobo de	2021	Tese	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	-
comentário						
23.261 resultados, apenas 19 relacionado a música. Destes 19, 14 foram resultados que não tinham sido encontrados com nenhuma outra palavra-chave. E destes 19, apenas 6 relacionados a música instrumental.						

Tabela 5.2: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores “mulher” e “música” (continuação).

"raça" na área conhecimento "música" - 24-03-2022 - Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES						
nome	autor(a)	ano	Tese ou Dissertação	instituição	relacionada a música instrumental	encontrada em outras palavras chaves
As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero e poder na jurema sagrada	ROSA, Laila Andresa Cavalcante	2009	Tese	UFBA	-	"sexualidade" e "gênero"
INTERVENÇÕES DA CAPOEIRA ANGOLA NA COMUNIDADE DO BATE FACHO, SALVADOR (2009-2015)	DINIZ, Flavia Cachineski	2015	Tese	Universidade Federal da Bahia	-	-
TRAÇOS DE PERCURSOS DE INSERÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE EGRESSOS DOS CONSERVATÓRIOS ESTADUAIS DE MÚSICA DE MINAS GERAIS	PIMENTEL, Maria Odília De Quadros	2015	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	-	-
MESTRAS DA CULTURA POPULAR EM BELEM-PA: NARRATIVAS DE VIDA, ATIVISMOS CULTURAIS E PROTAGONISMOS MUSICAIS	LAGO, Jorgete Maria Portal	2017	Tese	Universidade Federal da Bahia	-	"gênero"
"ELA CANTA QUE NEM NEGRA": CONSTRUÇÕES DE GÊNERO RACIALIZAÇÃO NA PRÁTICA DO BLUES EM CAXIAS DO SUL	DELAZZERI, Paola Menegat	2018	Dissertação	Universidade do Estado de Santa Catarina	-	"gênero"
TODA CANÇÃO DE LIBERDADE VEM DO CĂRERE: HOMOFOBIA, MISOGINIA E RACISMO NA RECEPÇÃO DA OBRA DE MĂRIO DE ANDRADE	VERGARA, Jorge Israel Ortiz	2018	Tese	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	-	-

Tabela 6: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores "raça" e "música".

Profissionais, amadores e virtuosos: piano, pianismo e Guiomar Novaes	BINDER, Fernando Pereira	2018	Tese	Universidade de São Paulo	-	-
DRAMA QUE ENTRETECE A ESTÉTICA DE FEMINILIDADE NEGRA: a representação da mulher negra na ópera Lídia de Oxum	PIRES, Antonilde Rosa	2019	Dissertação	Universidade Federal do Rio de Janeiro	-	"gênero" e "mulher"
O "RAP AM" INTERSECCIONANDO GERAÇÕES UM ESTUDO ETNOMUSICOLÓGICO SOBRE PRÁTICAS POLÍTICO-MUSICAIS E AS DINÂMICAS DE PERIFERIA NO CIRCUITO MANAUARA	NORBERTO, Rafael Branquinho Abdala	2020	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	-	-
SOPAPO POÉTICO E ETNOMUSICOLOGIA NEGRA: AGÊNCIA, PERFORMANCE, MUSICALIDADE E PROTAGONISMO NEGRO EM PORTO ALEGRE	ROSA, Pedro Fernando Acosta Da	2020	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	X	-
MÚSICA (IN) VISÍVEL: PESSOAS E SONORIDADES EXCLUÍDAS	FILHO, Juracy do Amor Cardoso	2020	Tese	Universidade Federal da Bahia	-	"gênero"
SOMNATELA: PERSPECTIVAS ETNOMUSICOLÓGICAS SOBRE MÚSICA E TECNOLOGIA	AMORIM, Antonio Sergio Brito De	2020	Tese	Universidade Federal da Bahia	-	-
Curt Lange: implicações sociorraciais do termo "Mulatismo Musical"	ROSA, Hudson Ditherman Francisco	2021	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	-	-
"NÓS QUE FAZEMOS O REGGAE SOMOS ABANDONADAS PELO SISTEMA...": MULHERES NEGRAS QUE FAZEM O REGGAE EM SALVADOR/BA	JESUS, Bruna dos Santos De	2021	Dissertação	Universidade Federal da Bahia	-	"gênero"
comentário						
18.649 resultados, apenas 14 relacionados à música, destes 8 que não foram encontrados com nenhum outro decriptor. E apenas 1 relacionado a música instrumental.						

Tabela 6.1: Tabela de Teses e Dissertações da CAPES, que relaciona os descritores "raça" e "música" (continuação).

TABELAS DE REVISTAS DE MÚSICA

TABELAS com artigos da Revista Música HODIE, da UFG

"mulher" - 24-03-2022 - Revista Música Hodie			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
A QUESTÃO DA AMBIGUIDADE NA CRIAÇÃO DO SUJEITO EM L' INCORONAZIONE DI POPPEA DE CLAUDIO MONTEVERDI	SCARINCI, Silvana	2004	Artigo
EUNICE KATUNDA E ESTHER SCLAR NO CONTEXTO DO MODERNISMO MUSICAL BRASILEIRO	DE HOLANDA, Joana Cunha e GERLING, Cristina Capparelli	2006	Artigo
MÁRIO DE ANDRADE: DUAS ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS	RAY, Sonia	2007	Artigo
MTV, SUCESSO MUSICAL E CENA ALTERNATIVA	BRITTOS, Valério Cruz; DE OLIVEIRA, Ana Paola	2007	Artigo
DUAS PEÇAS DE RODOLFO CAESAR TINNITUS (2004) E BIO-ACÚSTICA (2005)	FERRAZ, Silvio	2008	Artigo
PAISAGEM SONORA DA PAIXÃO VILABOENSE (Século XIX)	SOUZA, Ana Guiomar Rêgo	2008	Artigo
IDENTIDADE, CONHECIMENTOS MUSICAIS E ESCOLHA PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM MÚSICA	MATEIRO, Teresa; BORGHETTI, Juliana	2008	Artigo
VOZ FEMININA NA ÓPERA DE JULES MASSENET: CARACTERÍSTICAS E AJUSTES VOCAIS	SOUZA, Nadja Barbosa De; MELLO, Enio Lopes; SILVA, Marta Assumpcao de Andrada e	2010	Artigo
POR TODA MINHA VIDA DE ANA VALERIA POLES (CONTRABAXO)	RAY, Sonia	2010	Artigo
A Melancolia Erótica no Lamento de Prócris da Ópera Gli Amore di Apollo e Dafne (1640) de Giovanni Francesco Busenello e Francesco Cavalli	KUBO, Viviane Alves	2012	Artigo

Tabela 7: Tabela com artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor "mulher".

Construir a Nação com Música: o Protagonismo do Compositor Frederico de Freitas no Primeiro Fonofilme Português: A Severa	MARINHO, Helena; SARDO, Susana	2012	Artigo
Proto-história, Evolução e Situação Atual das Técnicas Estendidas na Criação Musical e na Performance	PADOVANI, José Henrique; FERRAZ, Silvio	2012	Artigo
O Modernismo Musical nd Estética de Ortega y Gasset	NEVES, Maria João	2012	Artigo
A Estética Composicional de Rodolfo Coelho de Souza em Estação Paraíso: Uma Análise	SOUZA, Luciana Gastaldi; DA SILVA, Eliana Monteiro	2012	Artigo
Marcos Portugal: mestre de música de suas altezas reais	CRANMER, David	2013	Artigo
Estudo Sobre Preferências de Estilo Musical em Estudantes Espanhóis de Ensino Superior do Real Conservatório Superior de Música "Victoria Eugenia"	QUILES, Oswaldo Lorenzo; GARRIDO, Ángel Luis Pérez; JÚNIOR, João Fortunato Soares de Quadros	2014	Artigo
O Uso da Música Eletroacústica no Cinema Durante a Primeira Metade do Século XX Exemplificado no Caso de O Planeta Proibido (1956)	OLIVEIRA, Juliana; DE SOUZA, Rodolfo Coelho	2014	Artigo
Nancy de Bertram Turetzky: Cinesilogia e Prática Deliberada da Técnica Estendida Arco + Pizz. no Contrabaixo	BORÉM, Fausto; LOPES, Leonardo; LAGE, Guilherme Menezes	2015	Artigo
As instâncias narrativas e as (de)formações identitárias no número musical "Né me quite pas", no filme "A Lei do desejo" (1987)	REINIGER, Roberto	2016	Artigo
Breve história do Teatro Musical no Brasil, e compilação de seus títulos	CARDOSO, Adriana Barea; FERNANDES, Angelo José;	2016	Artigo
Técnicas estendidas do contrabaixo em arranjos crossover	BORÉM, Fausto; CAMPOS, João Paulo Campos	2016	Artigo

Tabela 7.1: Tabela com artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor "mulher" (continuação).

Teatro musical e perspectiva de genero: o trabalho sicalpico de Vicente Lleó durante sua fase no Teatro da Eslava de Madrid (1907-1912)	MAGRANER, José Salvador Blasco; MARÍN-LIÉBANA, Pablo; CAMEJO, Francisco Carlos Bueno	2020	Artigo
Para a Historiografia das Maestras em Portugal - mulheres maestras sob ditadura (1926-1974)	BRAGA, Helena Lopes	2021	Artigo
comentários			
Foram encontrados 23 resultados			

Tabela 7.2: Tabela com artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor “mulher” (continuação).

"sexualidade" - 24-03-2022 - Revista Música Hodie			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
UM ESTUDO COM ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE PORTO ALEGRE/ RS: SUBSÍDIOS PARA A ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL	BEM, Luciana Del	2007	Artigo
comentários			
Foi encontrado 1 resultado			

Tabela 8: Tabela com artigo da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor “sexualidade”.

"homossexualidade", "transexualidade", "lésbica", "gay", "homem gay", e "lgbt" - 24-03-2022 - Revista Música Hodie			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado foi encontrado			

Tabela 9: Tabela sem artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”.

"raça" - 24-03-2022 - Revista Música Hodie			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
CONSTANTIA PARA VIOLINO E PIANO DE MARIO FICARELLI (2003)	FICARELLI, Mário	2008	Artigo
PAULISTANA Nº 1 PARA PIANO DE CLAUDIO SANTORO: ELEMENTOS NACIONALISTAS E SOCIAL REALISTAS	HARTMANN, Ernesto	2011	Artigo
Para Além do Factual: Algumas Reflexões Acerca da Musicologia No Brasil	LISARDO, Roger	2012	Artigo
A Recepção de Debussy em Espanha Avanços e Retrocessos na Mudança de um Paradigma Estético	NEVES, Maria João	2015	Artigo
Timbres vocais no canto coral teuto-brasileiro católico: uma abordagem etnomusicológica	MATTER, Suelen Scholl	2016	Artigo
Giuseppe Millico and La pietà d'amore: from Naples to Lisbon to Rio de Janeiro	CRANMER, David	2016	Artigo
The maracá in the beginning of european contact: its role in tupinambá society as a religious token and musical instrument	LIMA, Eduardo Sola Chagas	2016	Artigo
comentários			
Foram encontrados 7 resultados			

Tabela 10: Tabela com artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor "raça".

"gênero" - 24-03-2022 - Revista Música Hodie			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Foram encontrados 103 resultados, todos relacionados ao "gênero musical" e não a "gênero" dentro da discussão de sexualidade			

Tabela 11: Tabela sem artigos da Revista Música HODIE, da UFG, com o descritor "gênero".

TABELAS com artigos da Revista Per Musi, da UFMG

"mulher" - 24-03-2022 - Revista Per Musi			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Life and career of the violinist Virginia Sinay	REIS, Adonhiran; BERBERT, Bruna Caroline de Souza; DE OLIVEIRA, Agles Vieira	2021	Artigo
comentários			
Foi encontrado 1 resultado			

Tabela 12: Tabela com artigo da Revista Per Musi, da UFMG, com o descritor "mulher".

"sexualidade" - 24-03-2022 - Revista Per Musi			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
An Interview with Professor Susan McClary: The Development of Research on Gender and Music	DE BOISE, Sam; MCCLARY, Susan	2019	Artigo
comentários			
Foi encontrado 1 resultado			

Tabela 13: Tabela com artigo da Revista Per Musi, da UFMG, com o descritor “sexualidade”.

"homossexualidade", "transexualidade", "lésbica", "gay", "homem gay", e "lgbt" - 24-03-2022 - Revista Per Musi			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado foi encontrado			

Tabela 14: Tabela sem artigos da Revista Per Musi, da UFMG, com os descritores “homossexualidade”, “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”.

"raça" - 24-03-2022 - Revista Música Hodie			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Music, Religion and Social Production of Space in a Working-Class Town – the case of the church of pastor Ana Lucia in Belford Roxo, Rio de Janeiro	NEDER, Álvaro; BARROS, Daniel; FRANÇA, Daniela; MATOS, Maria Clara; FLORA, Mauricio; SUED, Priscilla; CAETANO, Rodrigo; KOPP, Rui Pereira	2017	Artigo
comentários			
Foi encontrado 1 resultado			

Tabela 15: Tabela com artigo da Revista Per Musi, da UFMG, com o descritor “raça”.

"gênero" - 24-03-2022 - Revista Per Musi			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Johann Mattheson and the ideal of the Perfect Musician	LUCAS, Mônica	2017	Artigo
Music, Religion and Social Production of Space in a Working-Class Town – the case of the church of pastor Ana Lucia in Belford Roxo, Rio de Janeiro	NEDER, Álvaro; BARROS, Daniel; FRANÇA, Daniela; MATOS, Maria Clara; FLORA, Mauricio; SUED, Priscilla; CAETANO, Rodrigo; KOPP, Rui Pereira	2017	Artigo
What does gender have to do with music, anyway? - mapping the relation between music and gender	WERNER, Ann	2019	Artigo
The (female) situated musical bodyaspects of caring	ALMQVIST, Cecilia Ferm; HENTSCHEL, Linn	2019	Artigo
An Interview with Professor Susan McClary: The Development of Research on Gender and Music	DE BOISE, Sam; MCCLARY, Susan	2019	Artigo
Gender and the Classical Music Worldthe unaccomplished professionalization of women in Italy	CASULA, Clementina	2019	Artigo
Female empowermenta case study in the State of Maranhão, Brazil	CORREA, Antenor Ferreira; BARBOSA, Marise Gloria	2019	Artigo
Under-representation of female in musicreflections, challenges, prospects of empowerment and protection of gender equality, based on legislative analysis, public policies and actions in this context	ROSÁRIO, Ana Claudia Trevisan; DA CUNDA, Daniela Zago Gonçalves	2022	Artigo
comentários			
Foram encontrados 14 resultados, a maioria relacionado ao "gênero musical" e não a "gênero" dentro da discussão de sexualidade, onde foram encontrados apenas estes 8 resultados			

Tabela 16: Tabela com artigos da Revista Per Musi, da UFMG, com o descritor “gênero”.

TABELAS com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM

"mulher" - 25-03-2022 - Revista OPUS			
nome	autor(a)	ano	Tese,
Do tocar ao ensinar: o caminho da escolha	MATEIRO, Teresa	2007	Artigo
O teatro das contradições: o negro nas atividades musicais nos palcos da corte imperial durante o século XIX	NETO, Luiz Costa-Lima	2008	Artigo
Algumas ideias de Paulo Bosísio sobre aspectos da educação musical instrumental	ROMANELLI, Guilherme; ILARI, Beatriz; BOSÍSIO, Paulo	2008	Artigo
Capital cultural versus dom inato: questionando sociologicamente a trajetória musical de compositores e intérpretes brasileiros	AMATO, Rita de Cássia Fucci	2008	Artigo
Soul brasileiro e funk carioca	PALOMBINI, Carlos	2009	Artigo
Os estilhaços da orquestra	DE CASTRO, Marcos Câmara	2009	Artigo
Compositores Latino-Americanos and New Paradigms of the 20th Century Classical Music	DA SILVA, Eliana Monteiro; ZANI, Almicar	2013	Artigo
A rabeça de Vilemão Trindade em Mário de Andrade II: ampliando o repertório e desvelando vozes esquecidas	LINEMBURG, Jorge; FIAMINGHI, Luiz Henrique	2015	Artigo
Artefatos musicais em textos literários: a viola no Rio de Janeiro do século XIX	DE CASTRO, Renato Moreira Varoni	2015	Artigo
Seguindo os rastros da música espectral: análise genética dos modelos compositivos em Períodes, de Gérard Grisey François-Xavier Féron	FÉRON, François-Xavier	2015	Artigo
Música ameríndia no Brasil pré-colonial: uma aproximação com os casos dos Tupinambá e Tapajó	BARROS, Liliam; DA SILVEIRA, Maura Imazio; SEVERIANO, Rafael; GOMES, Lohana Sobania; MAYONN, Sidney	2015	Artigo
A composição de um movimento de Voi(rex): da ideia formal à estrutura	THEUREAU, Jacques; DANIN, Nicolas	2015	Artigo
Revisitando o teatro neolatino na América portuguesa	BUDASZ, Rogério	2017	Artigo
Cave carmen: o uso da habanera na abertura Gabriela, Cravo e Canela, de Fernando Lopes-Graça	LOPES, Guilhermina	2018	Artigo
Actâncias vocais: uma cartografia gestual do canto popular brasileiro contemporâneo	LIMA, Ricardo Alexandre de Freitas; MACHADO, Regina	2019	Artigo
comentários			
Foram encontrados 15 resultados			

Tabela 17: Tabela com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com o descritor “mulher”.

"sexualidade" - 25-03-2022 - Revista OPUS			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Teoria, análise e nova musicologia: debates e perspectivas	OLIVEIRA, Heitor Martins	2008	Artigo
Contribuições da musicoterapia para o fortalecimento da subjetividade de adolescentes participantes de um projeto social	DOS SANTOS, Hermes Soares; TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira	2011	Artigo
A autoanálise, uma alternativa à teorização?	DANIN, Nicolas	2015	Artigo
comentários			
Foram encontrados 3 resultados			

Tabela 18: Tabela com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com o descritor “sexualidade”.

"homossexualidade", "transexualidade", "lésbica", "gay", "homem gay", e "lgbt" - 25-03-2022 - Revista OPUS			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado foi encontrado			

Tabela 19: Tabela sem artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”.

"raça" - 25-03-2022 - Revista OPUS			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
João dos Reis Pereira, um virtuose mineiro no Rio de Janeiro joanino	PACHECO, Alberto José Vieira; KAYAMA, Adriana Giarola	2007	Artigo
O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical	AMATO, Rita Fucci	2007	Artigo
A rabeça de Vilemão Trindade em Mário de Andrade II: ampliando o repertório e desvelando vozes esquecidas	LINEMBURG, Jorge Linemburg; FIAMINGHI, Luiz Henrique	2015	Artigo
O mistério d'O mistério do samba: o paradigma da mediação e a produção racializada de silêncios na memória hegemônica da "Música Popular Brasileira" (1960-2017)	LIMA, Lurian José Reis da Silva	2021	Artigo
comentários			
Foram encontrados 4 resultados			

Tabela 20: Tabela com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com o descritor “raça”.

"gênero" - 25-03-2022 - Revista OPUS			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Rompendo o silêncio: alteridades e subalternidades na música e na arte sonora. Resenha do livro The Second Sound – Conversations on Gender and Music de Julia Eckhardt e Leen De Graeve	ZERBINATTI, Camila Durães	2018	Artigo
O acervo Chiquinha Gonzaga em narrativas autobiográficas	GOMES, Rodrigo Cantos Savelli	2020	Artigo
Música e imagem: Usos del cuerpo fragmentado para un pensamiento estético femenino en Cecilia Vicuña y Violeta Parra	VALDEBENITO, Lorena	2021	Artigo
comentários			
Foram encontrados 65 resultados, mas apenas 3 tinham haver com o campo de "gênero e sexualidade", que foram os citados acima, o restante tinha haver com "gênero" musical			

Tabela 21: Tabela com artigos da Revista OPUS, da ANPPOM, com o descritor “gênero”.

TABELAS com artigos da Revista ORFEU, da UDESC

"mulher" - 03-04-2022 - Revista Orfeu			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Paqueta Baylina: uma trajetória musical esquecida no sul do Brasil	AMORIM, Humberto; WOLFF, Daniel	2018	Artigo
Pernambuco “feminina”, mulher fêmea, sim! A mulher na mazorca do Alto do Moura: culturas, vivências e músicas	DOS SANTOS, Marília Paula	2020	Artigo
Desintegração de vozes, reintegração de posses: apontamentos sobre a polca purahei jah'e'o como narrativa de aspectos sócio-históricos da cultura paraguaia	ANTAR, Miguel Eduardo Diaz; OLIVEIRA, Yonara Dantas	2020	Artigo
comentários			
Foram encontrados 3 resultados			

Tabela 22: Tabela com artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com o descritor “mulher”.

"sexualidade" - 03-04-2022 - Revista Orfeu			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado encontrado			

Tabela 23: Tabela sem artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com o descritor “sexualidade”.

"homossexualidade", "transexualidade", "lésbica", "gay", "homem gay", e "lgbt" - 03-04-2022 - Revista Orfeu			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado foi encontrado			

Tabela 24: Tabela sem artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”.

"raça" - 03-04-2022 - Revista Orfeu			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado foi encontrado			

Tabela 25: Tabela sem artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com o descritor “raça”.

"gênero" - 03-04-2022 - Revista Orfeu			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
A voz no blues: identidade, questões de gênero e racialização	DELAZZERI, Paola Menegat	2018	Artigo
Do samba de roda ao rap: trânsitos musicais e marcadores sociais das diferenças em contextos de resistência de mulheres negras em Cachoeira/BA	GOMES, Francimária Ribeiro	2019	Artigo
Pernambuco “feminina”, mulher fêmea, sim! A mulher na mazorca do Alto do Moura: culturas, vivências e músicas	DOS SANTOS, Marília Paula	2020	Artigo
comentários			
Foram encontrados 11 resultados, a maioria relacionado ao “gênero musical” e não a “gênero” dentro da discussão de sexualidade, onde foram encontrados apenas 3 resultados			

Tabela 26: Tabela com artigos da Revista ORFEU, da UDESC, com o descritor “gênero”.

TABELAS com artigos da Revista CLAVES, da UFPB

"mulher" - 03-04-2022 - Revista Claves			
nome	autor(a)	ano	Tese,
"Final de mina de ladrão é luto e solidão": o perfil de mulher retratado na canção "Mulher de Malandro", de Dina Dee	COSTA, Bruna Costa; MACHADO, Adelcio; NUNES, Thais	2018	Artigo
"Negro racha os pés de tanto sapatear": Coco, uma história de vida	DO COCO, Mestra Ana	2021	Artigo
comentários			
Foram encontrados 2 resultados			

Tabela 27: Tabela com artigos da Revista CLAVES, da UFPB, com o descritor "mulher".

"sexualidade" - 03-04-2022 - Revista Claves			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado encontrado			

Tabela 28: Tabela sem artigos da Revista CLAVES, da UFPB, com o descritor "sexualidade".

"homossexualidade", "transexualidade", "lésbica", "gay", "homem gay", e "lgbt" - 03-04-2022 - Revista Claves			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado foi encontrado			

Tabela 29: Tabela sem artigos da Revista CLAVES, da UFPB, com os descritores “homossexualidade”; “transexualidade”; “lésbica”; “gay”; “homem gay”; e “lgbt”.

"raça" - 03-04-2022 - Revista Claves			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Geocorpografias do funk: raça, autodeterminação e olhar masculino em Malandramente	DA SILVA, Izis Melo; MESSINA, Marcello	2018	Artigo
comentários			
1 resultado foi encontrado			

Tabela 30: Tabela com artigo da Revista CLAVES, da UFPB, com o descritor “raça”.

"gênero" - 03-04-2022 - Revista Claves			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Mulheres na Música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora	TANAKA, Harue	2018	Artigo
“Teias e tramados: expandir limites, desterritorializar práticas artísticas, cultivar escutas, desvelar potências” – entrevista com Isabel Nogueira	NEIVA, Tânia	2018	Artigo
Zabé da Loca: protagonismo feminino no universo das bandas de pífano	SANTOS, Eurides; SILVA, Erivan	2018	Artigo
Geocorpografias do funk: raça, autodeterminação e olhar masculino em Malandramente	DA SILVA, Izis Melo; MESSINA, Marcello	2018	Artigo
comentários			
Foram encontrados 4 resultados, todos relacionados à área de conhecimento "gênero e sexualidade"			

Tabela 31: Tabela com artigos da Revista CLAVES, da UFPB, com o descritor “gênero”.

TABELAS com artigos da Revista da ABEM

"mulher" - 19-04-2022 - Revista ABEM			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Não foram encontrados nenhum resultado.			

Tabela 32: Tabela sem artigos da Revista da ABEM com o descritor "mulher".

"sexualidade" - 19-04-2022 - Revista ABEM			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as de música da educação básica	WENNING, Gabriela Garbini	2020	Artigo
Enviadescer a educação musical, musicar a bicha e fraturar currículos: estranhamentos sonoros para pensarfazer um currículo queer	OLIVEIRA, Wenderson Silva; DE FARIAS, Isabel Maria Sabino	2020	Artigo
comentários			
2 resultados foram encontrados			

Tabela 33: Tabela com artigos da Revista da ABEM com o descritor "sexualidade".

"homossexualidade", "transexualidade", "lésbica", "gay", "homem gay", e "lgbt" - 19-04-2022 - Revista ABEM			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado foi encontrado			

Tabela 34: Tabela com artigos da Revista da ABEM com os descritores "homossexualidade"; "transexualidade"; "lésbica"; "gay"; "homem gay"; e "lgbt".

"raça" - 19-04-2022 - Revista ABEM			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-
comentários			
Nenhum resultado foi encontrado			

Tabela 35: Tabela sem artigos da Revista da ABEM com o descritor “raça”.

"gênero" - 19-04-2022 - Revista ABEM			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música	Helena Lopes da Silva	2004	Artigo
Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as de música da educação básica	Gabriela Garbini Wenning	2020	Artigo
Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical	Vânia Beatriz Müller	2021	Artigo
comentários			
Foram encontrados 3 resultados relacionados à área de conhecimento "gênero e sexualidade", dentre 9 resultados ao total			

Tabela 36: Tabela com artigos da Revista da ABEM com o descritor “gênero”.

TABELAS DE REVISTAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

"música" - 25-03-2022 - Revista Estudos Feministas			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
Corpos em tensão: feminino, masculino e barroco no espetáculo Bach	DE ALMEIDA, Tereza Virginia	2003	Artigo
Las ciudades invisibles: heterotopías nômadas y postpatriarcado	ECHETO, Victor Silva; SARTORI, Rodrigo Browne	2009	Artigo
A Mulher Heroína em combate ao patriarcado em Moçambique	JÚNIOR, Francisco Carlos Guerra de Mendonça	2021	Artigo
"música instrumental" ou "choro" - 25-03-2022 - Revista Estudos Feministas			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-

Tabela 37: Tabela com artigos da Revista Estudos Feministas, da UFSC, com os descritores “música”, “música instrumental” e “choro”.

"música" ou "música instrumental" ou "choro" - 25-03-2022 - Revista Cadernos PAGU			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-

Tabela 38: Tabela sem artigos da Revista PAGU, da Unicamp, com os descritores “música”, “música instrumental” e “choro”.

"música" ou "música instrumental" ou "choro" - 25-03-2022 - Revista Periódicus			
nome	autor(a)	ano	Tese, Dissertação ou Artigo
-	-	-	-

Tabela 39: Tabela com artigos da Revista Periódicus, da UFBA, com os descritores “música”, “música instrumental” e “choro”.